

A DAMA DAS CAMÉLIAS

paródia em 3 atos, de
ÉRICO CRAMER

PERSONAGEM _____
INTERPRETE _____



TÍTULO DA PEÇA
ORIGINAL DE

- A DAMA DAS CAMÉLIAS
- ADAPTAÇÃO E ARRANJO DE
ÉRICO CRAMER - CALCADO NO ROMANCE
DO MESMO NOME.

PRIMEIRO ATO :

Começa a bater o terceiro sinal para abrir o-pano, e, na pausa que há, antes das três batidas finais, já ele começa a se abrir e ETELVINA está ao fundo da cena, fazendo uma porção de sinais para dentro, sem se-aperceber-de que o pano já se abriu. ELA, está de vestido de estilo, em cor-de-ouro, enfeitado de renda preta, com um galão preto, pintado ou aplicado à guiza de pavao, na parte das costas da saia. A cabeça toda penteada em bucles, deixando cair dois pequenos cachos-de cada lado do pescoço, presos com camélias. Ela-ainda não-se-deu conta que o pano já se abriu, e continua nos sinais e nos gritos lá para dentro quando, de repente, olha e vê os espectadores ; faz-lhes um sorriso amarelo, e lóge a seguir, uma cara de ódio para o interior do palco. Repete este jôgo maior numero de vezes para tirar mais efeito. Faz repetidos para que fechem o pano, mas, em determinado momento, vendo que o pano não se fecha, perde as estribeiras, e explode :

ALICE-

(AO FUNDO DO PANO QUANDO ÉSTE ESTÁ SENDO ABERTO). Chama o Benedito aí, d. Piluda. Adonde e que se meteu-se essa peste do-infel-no ? Tá na hora da gente começa, já vai se, abri-se o pano, e a gente-nao sabe adonde é que ele tá. miúdo... esse iscumungado ! Caminha, seu Ostraquio, vai procura ele, vai vê adonde ele se meteu-se. Via depressa, e diz pro seu Espantaleão, prá não alivanta o pano, já, que ainda farta o BENEDITO. -(QUANDO ESTÁ DIZENDO ISTO, OLHA REPENTINAMENTE PARA A PLATEIA, VÊ QUE O PANO JÁ SE ABRIU E TEM UM MIXTO DE SUSTO E DE ÓDIO -DESAPONTO-)- DESCE FAZENDO SINAIS PARA O PANO SE FECHAR, MAS VENDO QUE ELE CONTINUA ABERTO, NÃO SE CONTEM E EXPLÓDE)- Oh, seu-Espantaleão, caminha fecha isso d'uma vez, aí, bananao. Fecha isso d'uma vez, desgraçado ! Tu não tá vendo que a gente não tá perparada e alivanta o pano ? Fecha isso, peste do diabo ! quando termina o drama, tu vai apanha, tu vai vê. -(OLHA PARA O PÚBLICO-SORRI AMARELO E FALA)- Discurpe, o seu Espantaleão, se enganô-se !-(PANO VAI SE FECHAR-CHEGA A FECHAR-SE UM POUCO)- Para aí !

Tu não tá vendo que eu tô falando com o-
pubrico ? Va fecha a porta na cara deles ?
Que home mais imbecível, meu Deus ! (SOR-
RI)- O que é que eu-tava dizendo mesmo ?
Ah, me alembrei ! D'iseurpe, não é ? -O
seu Espantaleão não viu que a gente inda
não tava perparado e abriu o pano. Ele
já vai fecha. (PARA FICANDO ESPERANDO E O
PANO NÃO FECHA-SORRI AMARELO
PARA O PUBLICO E VIRA-SE PA-
RA O-LADO COM A CARA-DE FERA)-

Caminha ! Fecha isso aí d'uma veiz, -bana-
nao, o que é que tu tinha que abriu isso,
inhante do tempo ? Tu-não viu que o BENE-
DITO ainda não tava aí ?

SIDOCA (DE DENTRO)- Onde é que êle está, Etel-
vina ?

ALICE- Sei eu lá adonde é que êle tá ? Tu sabe
que esse nego é pior que o tnhoso, a gen-
te nunca sabe adonde é que êle tá.

CLAUDIO- (DO FUNDO DO TEATRO-EM VESTIDO DE CÔR-
ANTIGO-DE MARAVILHA-TOUCA BRANCA-AVENTAL-
E FICOU BRANCOS-OCULOS E TRANÇAS. TRAZ
EM BAIXO DO BRAÇO UM RAMO DE GIRASSOIS E
UNS SAPATOS DE SALTO ALTO.NUMA DAS MÃOS,
UM CACHORRO QUENTE EMBRULHADO, E NA OUTRA
UM, DESEMBRULHADO E JÁ PELA METADE.)-
Tô aqui, Tervina !...

ALICE- (BOTA AS MÃOS NOS QUADRIS-FIÇA SACUDINDO
A-CABEÇA E DEPOIS FALA)- Nego semvelgonho!
Disabriado, -cara-dialayada, adonde é que
tu tava m'itido, iscumungado ? Tu não sa-
bia que já ia começa o espetáco ?

CLAUDIO- Uái ! Eu fui comprá o-cachorro-quente que
eu tava cum fome. Tu inte pediu pra eu com-
prá um pra tí, cumo é que agora tu tá di-
zendo que não sabia adonde é que eu tava?
(MOSTRANDO)- Tá aqui os dois cachorro-
quente. O meu é esse que tá cumido.

ALICE- Cachorro não se diz, dexa de sê marcriado.

CLAUDIO- Uái ! Então, cumo é que eu vô dizê ?

ALICE- Caõ-quente ! Cumo que vai dizê. E caminha
d'uma veiz, que o pubrico tá esperando e
a gente tem que começa o espetáco.

CLAUDIO- Tu principia-que eu arrespondo daqui
mesmo. O pubrico não arrepara, e se arre-
para mio, eu premero vô termina de cu-
me esse CAÕ que eu tô cum fome e não vô
trabata cum fome.

Nem eu tão pouco. Tu pensa que eu sô burro de calga? Tô aqui, folcejando-deis das duas hora-da talde. Arruma-cenário, arruma os movi, arruma os vistido, nem eu me alembrei da janta.

CLAUDIO- Óia, -Tervina, não arranjeri carmelias. So tinha gira-so. Selve?

ALICE- O que é que a gente vai fazer, a essa hora da noute-? Agora tem que dexa esses mesmo. Eu disse praquele infeliz do seu Ostraquio que era pra manda compra, mais ele se insqueceu-se de tudo!

CLAUDIO- Mas essas não são munto deferente, Tervina. Tem parencia de carmelia, so c'ô a cõ deferente.

ALICE- Pois é, agora dexa ansim mesmo. Caminha, caminha, assobe pra da d'uma veiz que o seu pubrico tá esperando o dramas.

CLAUDIO APROXIMA-SE CALMAMENTE, MASTIGANDO O CACHORRO-(UENTE)-

Anda, negrinho, tu pensa que o pubrico e teu criado pra tá esperando por ti? Tu não te enxelga?

CLAUDIO- Já tô indo. Ti não tá vendo que eu já tô indo? Não perde-esse assistema, de ve que-a gente ta indo e ta mandando. Que coisa tombem-! Não hay coisa que me dexe mais felnetico do que isso.

ALICE- Caminha, cala essa boca e assobe d'uma veiz.

CLAUDIO SOBRE ALICE VIRA-SE PRO OUTRO LADO)-

E tu, bananao, o-que é que tu feiz esse tempo todo que ainda nao fechô essa cul-tina? (SORRINDO AMARELO PARA O PUBLICO)

Discurpe, sim? Eu peço pro respeitavri pubrico que nao arrepare. A gente e a premera veiz que faiz essas coisa.

(PANO FECHA UM POUQUINHO)-

Pera aí, eu tô falando.

(O PANO PARA E PERMENECE NO LUGAR ATÉ ONDE CHEGOU.

O que-é que eu tava d'zendo? Ah! Pois e, pois e a premera veiz que-a gente fazemos-essas coisa. A gente ainda nao tá bem imbituadas. Sempre cuntece um caulinho ansim.

(CLAUDIO ENTRA JA SEM O CACHORRO NA MÃO-MAS MASTIGANDO* ENTRGA O OUTRO E OS GIRASSÓIS, ELA OLHA PARA OS SAPATOS QUE ELE TEM NA MÃO, E PERGUNTA)-

- CLAUDIO- Tá, Tervina, o meu eu já comi. (DÁ-LHE
- O CACHORRO-QUENTE);
Aqui tá as irô. Adonde é que eu bôto
elas ?
- ALICE- Bôta ali. (VENDO OS SAPATOS QUE ELE
TEM NA MÃO)-
Ué, com que sapato tá tu ?
- CLAUDIO- (LEVANTANDO UM POUCO A SALLA E MOSTRANDO)-
Com os teni, Tervina. Esses da dona Co-
leta eu não pude sepoltá eles. Eu num
pudia caminha direito cum eles. Eles é
mais-arto atraiz do que na frente, a gen-
te fica desporeio.
- ALICE- Pois é ! Mais, tu vai botá eles otra veiz
preque adonde é que se viu-se arre-
presentá um dramas com tenis ? Caminha,
vai la pra dentro ! Vai botá eles.
- CLAUDIO- (SAINDO)- Puxa, Tervina, que tu é mar-
vada ! Ubriga-a gente bytá esse soplicio.
Credo + Misiricórdia ! É mufe marvada
esse diabo ! (SAI)-
- ALICE- (OLHANDO PARA A-PLATEIA)- Mais, seu Es-
pentaleão, tu ainda não fecho esse pano,
home de Deus ? Caminha, este-do diabo,
fecha essa polcarta d'uma veiz.
SORRI AMARELO)- Discurpe. Ele vai
fechá que é pra gente cumeça dereito
otra veiz.
- O PANO FECHA-SE O TEMPO SUFICIENTE
DE ALICE COLOCAR-SE NO DIVAN EM
POSE ESPECIAL-CHEIRANDO UM GIRASSOL
COM UMA DAS MÃOS, E COM A OUTRA
ABANADO-SE COM UM LEQUE DE PLUMAS-
OLHA PARA O PUBLICO, SORRINDO-
AGRADECE-PERMENECE AINDA ALGUNS MO-
MENTOS NA MESMA POSIÇÃO FORÇADA, E
DEPOIS, LEVANTA-SE-ENCAMINHA-SE
PARA A MESA, E, TOCANDO A SINETA,
ENTRA CLAUDIO TODO EMPINADO PRA
FRENTE E CHEGA ATE PERTO ONDE ELA
ESTÁ-NO ESPELHO DO FUNDO-ARRUMANDO
O CABELO
- CLAUDIO- A sinhôra chamô mademoisél Margarida ?
- ALICE- (DEIXADO O ESPELHO E VIRANDO-SE-PRA
- ELE COM AFETAÇÃO)- Chamei-te, sim,
Nanines.
(FAZ-LHE SINAL DE QUE FIQUE TENSO,
ELE LEVANTA UM POUCO A SALLA E MOS-
TRA OS SAPATOS E FAZ UM GESTO QUE
NÃO PODE)-
- CLAUDIO- Madames Imprudência teye aqui.
- ALICE- E o que é que ela quiria, ela não disse ?

CLAUDIO- Disse, mademoisél, está lá na casa dela, um monsieur que-que se apresentou pra sinhora. Ela pediu que anssim-que a mademoisél chegasse, que eu avisasse ela pra ela trazer ele.

ALICE-

OLHA PARA DENTRO, OU SEJA, PARA O PONTO-FAZENDO SINAL DE QUEM PERGUNTA O-QUE DEVE BIZER)-

Então, vai Nanines, e avisa ela, que eu já cheguei.-(CLAUDIO-SAI, TODO EMPINADO)-
Oh, um monsieur que se apresentou pra mim. Como será ele? Elegante? Chics? Eu, -MARGARIDA GAUTIER, se uma estetica. Se ele fô elegante e bunito, jamais!

CLAUDIO-

(GRITANDO NOS BASTIBORES)- Caminha, dona Piluda, a Tervina disse que já podia ir. A TELVINA FAZ SINAIS PARA DENTRO PARA QUE O BENEDITO NÃO GRITE, E SORRI AMARELO PARA O PUBLICO. VAI PARA O ESPELHO E COMEÇA A ARRUMAR O CABELO E O VESTIDO. CLAUDIO ENTRA.)- A madamis Imprudência

já vem.

(GENEROS AGARRA DEPRESSA O GIRASOL E O LEQUE E COLOCA-SE NO DIVAN NA MESMA POSIÇÃO QUE ESTAVA QUANDO ABRIU-SE A CORTINA-CAMPAINHA-

ALICE-

Vai abrir depressa, Nanines, não faz o Monsieur, espera. (FICA NA MESMA POSIÇÃO- CLAUDIO SAI. PEQUENA, ENTRA PRUDÊNCIA, MUITO ESPALHAFATOSA DE VESTIDO DE ESTILO DE CÔR FORTE, COM O CABELO TODO EM BUCLES E DOIS FIOS DE PEROLAS PASSANDO PELA TESTA E CAINDO DE UM E DE OUTRO LADO DA CEBÇA, NUM APANHADO DAS MESMAS PEROLAS. TEM TAMBEM UMAS AIGRETES PRESAS NO CABELO E UMA ECHARPE PRETA BORDADA A LANTEJOU-LAS SOBRE OS OMBROS. MITAINES PRETAS.

PRUDÊNCIA-

Oh, -minha querida! Já estive duas vezes aqui, a tua procura. (ARMANDO SURGE DO FUNDO, VESTIDO A EPOCA, EFICA PARADO AGURDANDO O SINAL DE PRUDÊNCIA PARA SE APROXIMAR, OLHANDO ENCANTADO PARA MARGARIDA)-

Passaste melhor esta tarde? (ALICE FAZ UM SINAL Afirmativo COM A CABEÇA)-

Queria apresentar-te o sr. ARMANDO DUVAL, de ansia por conhecer-te. (MARGARIDA SORRI ENCANTADA SEM, TODAVIA, OLHAR PARA ARMANDO)-

Aproxime-se, Armando. (ETELVINA? OLHA FURTIVAMENTE PARA ARMANDO, MAS, VOLTA RAPIDAMENTE A CABEÇA, E PERMANECE NA POSIÇÃO EM QUE ESTAVA, NÃO QUERENDO DEMONSTRAR A SUA CURIOSIDADE, ARMANDO APROXIMA-SE)-

Apresento-lhe a minha encantadora amiga MARGARIDA, a quem tanto o sr. desejava conhecer pessoalmente. (ARMANDO CURVA-SE, RESPEITOSO, PERMANECENDO NA POSIÇÃO DE CURVATURA. MARGARIDA ESTENDE-LHE A MÃO SEM OLHAR PARA ELE, E PERCEBENDO E PERMANECENDO QUE ELE NÃO A SEGURA PARA BELJALA, IMPELE-A DUAS OU TRÊS VÉZES PARA O LADO, COMO PARA CHAMAR-LHE A ATENÇÃO. PRUDÊNCIA BATE NO BRAÇO DE ARMANDO, E FAZ-LHE SINAL, MOSTRANDO-LHE A MÃO QUE ELE ENTÃO? SEGURA E FICA SEM SABER O QUE FAZER COM ELA. PRUDÊNCIA BELJA A PRÓPRIA MÃO COMO A INDICAR-LHE O QUE FAZER COM ELA, E ELE ENTÃO, COPIA O GESTO. MARGARIDA SORRI ENLEVADO E LEVANTA-SE..

ALICE-

Margarida Gautiér, ou a DAMA DAS CARMÉLIAS, como quise, uma amiguinha as olde.

ARMANDO-

Oh, Mademoiselle...
Quão ditoso é este instante para mim...
ARMANDO DIZAL, um escravo da sua graça e da sua beleza!

ALICE-

Se assente, seu Doval.

ARMANDO-

Chame-me-Armando, Mademoiselle. Sentir-me-ei mais-feliz, ouvindo-a tratar-me com maior intimidade.

ALICE-

Tá munto bem, si o requer..Se assente, seu Armando. (ELE SENTA-SE NUMA CADEIRA, ELA E PRUDÊNCIA NO DIVAN)-

PRUDÊNCIA-

Já jantaste, querida?

ALICE-

Ainda não. Eu ta mandá butá a janta-quando a Nanfnes me disse que tu quiria fala cum'go.

PRUDÊNCIA-

E se fôssemos ceiar em qualquer parte?

ALICE-

Não convém, e tempo não tá munto sinsero, pode vim chuva e eu não posso apanha humidade. Eu-perferia janta aqui mesmo. Si voçeis quisesse, me dá o gosto da cumpanhã.

PRUDÊNCIA-

O que diz, Armando?

ARMANDO-

Ficaria encantado,
Madame Prudencia.

ALICE-

Pois intão, tá cumbinado, Jantemo-
aqui. Prudencia, vai dizê pra Nanines
que venha botá a mesa, e veja janta
pra nós.

PRUDENCIA-

Irei-em seguida. Estou com um apetite
formidável. -(SAI)-

ALICE-

(DEPOIS DE UMA LONGA HISTORIA-OU SEJA-
PAUSA EM QUE SE DERRETE TODA PARA AR-
MANDO E OLHA-O POR CIMA DO LEQUE. ELE
PERMECE EMCABULADO E SEM GESTO)- Fale,
seu Almando, diga alguma coisa que
deleite.

ARMANDO-

O que-poderei dizer-lhe, menina Gotie ?
Repetir-lhe que ansiava pelo instante
de conhece-la pessoalmente ? Isso-a me-
nina já sabe de sobra. Já lh'o disse.
Madame Prudencia e eu mesmo, repeti
quando aqui entrei.

ALICE-

Uviu falá muitas vês-da mademoisél
Margarida Gautier ?

ARMANDO-

Muitas !
Inumeras vzes. E costumava a ver passar
todas as tãrdes no-seu coupé, pelos
Campos Eliseos. Ficava a a olha-lo
ate que ele se sumia na distancia.
Sua-imagem ficava comigo, gravada na
retina dos meus olhos.

ALICE-

•(ENBANTADA)- Persiga, seu Almando, per-
siga !

ARMANDO-

•Uma tarde, o coupé-na apareceu. Soube
depois, que M. demoiselle havia adee-
cido-gravemente, e, desde entãõ vinha
diariamente a esta casa, pedir-
noticias suas ao porteiro.

ALICE-

•HÔ !!! Entãõ era o gr.-que vinha sabê
noticias minha e não dizia o nomes
• seu ?

ARMANDO-

•Era eu, sim. Eu, ARMANDO DIVAL, o es-
cravo da menina Gotie e dos seus en-
cantos.

ALICE-

Almando, como tu sois bom !..(PAUSA-
OLHA PARA O PONTO)- E para tu entãõ..
(OLHA NOVAMENTE PARA O PONTO E FAZO
GESTO DE APROXIMAR MAIS O DUVIDO)-
Era tu tambem -que me mandô intãõ aque-
le ramo de oclides ?

ARMANDO-

Sim, fui eu. A menina apreciou-o ?

ALICE-

Tava bonito, sim, mas eu peliro as

- as-carmélias do que as oclides. Acho mais odaciosas.
- ARMANDO- Hei de mandar-lhe camélias todos os dias, meina Gotie.
- ALICE- Ia, quanto o sr. vai gastá. Não se incomode. Eu arrecebo dos outro, eles manda.
- ARMANDO- Mas, eu farei questão de mandá-las. (ENTRAM NANINES E PRUDÊNCIA-NANINES TRAZ UMA TOALHA DE MESA, DE QUADROS VERMELHOS E BRANCOS. PRUDÊNCIA TIRA O LAMPEÃO QUE ESTÁ EM CIMA DA MESA DO CENTRO E COLOCA-O NOUTRA MESINHA QUE HÁ AO FUNDO, EM BAIXO DO ESPELHO. TIRA O PANO PARA NANINE ESTENDER A TOALHA. NANINES ESTENDE A TOALHA E SAI.
- PRUDÊNCIA- Então, já se entenderam ?
- ALICE- Temos palestriando. Muito simpatis o seu cunhido, Prudência.
- PRUDÊNCIA- Um verdadeiro cavalheiro, não é verdade ? E o sr., o que diz de Margarida ?
- ARMANDO- Um encanto, Madame Prudência. Um verdadeiro encanto.
- ALICE- O sinhoz é muito galantero. Isso é jonericidade da sua palte. (ENTRA NENINES COM OS PRATOS E TALHERES E VAI BOTANDO A MESA COM TRÊS LUGARES, DURANTE AS CONVERSAS QUE SE SEGUE. AO ENTRAR COM A LOUÇA, TORCE O PÉ, QUASE QUE CAI, E TELVINA BOTA AS MÃOS NA CABEÇA, ASSUSTADÍSSIMA.)- Cuidado, Benedito ! Essa louça é emprestada, tu-quebrasso, e a gente tem que paga. Que dinheiro não vai se gasta. (OLHA PARA O PÚBLICO E SORRI)-
- CLAUDIO- (BRABO)- Truci o meu pé. Não tenho culpa. Eu te disse que não quiria bota esses sapato. (COMEÇA A BOTAR A LOUÇA NA MESA) Era perferivi que eu trabalhasse c'as minhas reuna.
- ALICE- Mais, seu Alandno, o que é que a gente tava cunvelsando mesmo ?
- ARMANDO- Eu tava respondendo a perguntada sua gentilíssima amiga Madame Prudência, que me perguntou-qual a impressão que eu tive de Mademoiselle.
- PRUDÊNCIA- Quer-dizer então, que ela correspondeu inteiramente a sua expectativa, senhor. ARMANDO DUVAL ?
- ARMANDO- Sem temor a exagerar, dado se me seja

afirmar que a impressão foi além, muito além do que poderia ter imaginado.

PRUDÊNCIA-

É melhor assim. Pior teria sido o inverso.

ARMANDO-

Sem dúvida ! Sem dúvida. (ENTRA NANINES, BOTA UMA QUARTINHA DE BARRO COM AGUA-~~A~~ PALITEIRO E COPOS)-

PRUDÊNCIA-

Queres que te ajude a por a mesa, Nanines, para que na o tenhamos de esperar muito tempo ? Estou morrendo de fome.

CLAUDIO-

Naõ é preciso, já tá pronta. (T)- É prá trazer a comida, d. Margarida ?

ALICE-

-Traiz, Nanines, traiz que as visita é de tá cum fome. (BENEDITO SAI)-

PRUDÊNCIA-

-O-sr. Armando não demonstra impaciência pelo jantar, mas é fácil de compreender. O amor alimenta.

ARMANDO-

-O amor é tudo na vida, quando temos a certeza de sermos correspondidos, madame Prudência.

PRUDÊNCIA-

E em todo esse tempo-na-vida que o sr.-Armando tem estado aqui ainda não adquiriu essa certeza ?

ARMANDO-

Há criaturas que são verdadeiros enigmas, Madame Prudência, e enquanto não-ouvimos dos seus próprios lábios, a confissão do seu amor, não conseguimos chegar a qualquer conclusão.

PRUDÊNCIA-

O que dizes a isso, Margarida ?

ALICE-

(FINGINDO ALHEIAMENTO)- Eu tava tão-intetida-que nem uvi o que e que vocês tava dizendo.

PRUDÊNCIA-

Ela lhe dirá depois sem testemunhas.

ENTRA CLAUDIO COM UMAS VIANDAS DE ALUMINIO OU ÁGATIA, QUE COLOCA AO CENTRO DA MESA)-

CLAUDIO-

Óia, a bôia tá selvida !

ALICE-

Traiz alguma coisa prá gente bebê, Nanines !...

CLAUDIO-

Vinho ou celveja ?

ALICE-

Vinho é melhor. Traiz vinho.

CLAUDIO-

(CONFIDENCIAL-PERTO DELA)- O almazém não quis manda o vinho-, sem manda o dinheiro. Peda celveja, Tervina, que vinho não tem.

ALICE-

É ? (TRANSIÇÃO ALTO)- Quem sabe o seu Almardo gosta mais de celveja ? Se-perfere celveja, tem celveja também. Nós que fizemo.

- ARMANDO- Para mim é indiferente, menina Gotiê. A seu lado, tanto a cerveja como o vinho, terão um sabor muito agradável.
- ALICE- Ele tá distorcendo, mais eu-já tô-vendo pela cara dele, que ele gosta muito mais de cerveja. Nanines. (CLAUDIO SAI)
- PRUDENCIA- (SENTANDO-SE A UM DOS LADOS DA MESA)-O que é que esperam vocês, que o jantar esfrie? Venham, venham para a mesa. (AMBOS LEVANTAM)
- ALICE- (INDICANDO-LHE-A CADEIRA DEFRONTE A PRUDENCIA) Se assente aqui, seu Armando. Não faz rosquinha. (ELE SENTA-ELA COLOGA-SE ENTRE OS DOIS, DE FRENTE PARA O PUBLICO. TIRA-AS VIANDAS DO ARCO E ESPALHA-AS-PELA MESA) Bolinho de bacalau.. Selada de arface... Pastelo... Arrois com rabada,.. feijão... Ah! Tem também, pepino, Tu que é louca por pepino, Prudencia. Tu que?
- PRUDENCIA- Já comi pepino hoje, Margarida. Prefiro um pastel. (ALICE SERVE-LHE UM PASTEL, EQUILIBRANDO-O NA PONTA DA FACA. QUANDO VAI BOTA-LO NO PRATO CAI E ELA SEGURA-O COM A MÃO E BOTA-O NO PRATO DE PRUDENCIA, METE A MÃO NA VIANDA, TIRA OUT PASTEL E BOTA-O NO PRATO DE ARMANDO)
- ALICE- Não arrepare. Eu lavei bem as minhas mão. E assim e mais digero, não é? (SERVE-SE DE UM PASTEL E DE SALADA DE ALFACE. OFERECE AOS OUTROS, QUE RECUSAM) Que um pouco de selada, seu Armando?
- ARMANDO- Obrigado, menina Gotiê. Basta-me este pastel servido por suas formosas mãozinhas. (ETELVINA OLHA PARA SUAS MÃOS, REVIRANDO-AS. SORRI ENLEVADA)
- ALICE- Tu não que selada, Prudencia?
- PRUDENCIA: Não, obrigada. Vou-comer um bolinho de bacalhau que está muito cheiroso.
- ALICE- É o pepino, Prudencia? Tu prefere pepino ou tomate?
- PRU DENCIA- Por enquanto eu prefiro o bacalhau, Margarida. (SERVE-SE DE UM BOLINHO E COMEÇA A COMER O PASTEL COM O GARFO E A SALADA COM A MÃO? EMPURRANDO AS FÔLHAS DE ALFACE PARA DENTRO DA BOCA COM OS DEDOS. CLAUDIO ENTRA, TRAZENDO DUAS GARRAFAS DE CERVEJA PRETA. PRUDENCIA SERVE OS TRÊS,

- ARMANDO- Proponho à saúde da criatura mais encantadora deste mundo : a menina MARGARIDA GOTIÊ. (BATEM OS COPOS, ARMANDO BATE E BEBE UM GOLE E AS DUAS EMPINAM O COPO TODO. E TELVINA AO TERMINAR DÁ UM ARRÔTO.
- ALICE- Eu não posso tomá celveja, logo vem essas gulgulhaçada. (COMENDO)-
- PRUDÊNCIA- Vou comer outro bolinho dêste que está -explendido.
- ALICE- Dexa um prá mim. O sinhór não qué um, seu Almando ?
- ARMANDO- Muito obrigado.
- ALICE- Um pouquinho de fejaõ, intaõ ? Arroz com rabada, que ?
- ARMANDO- Naõ, sra, muito obrigado.
- ALICE- Já tá cheio ?
- ARMANDO- Estou satisfeito, obrigado.
- ALICE- (BOTANDO AS MÃOS NA BARRIGA)- Eu tombém tô cheia, não-quero mais nada. (CHAMANDO Nanines ! Nanines ! (ENTRA O CLAUDIO)-
- CLAUDIO- Que-é , Tervina. ? Qué dizê, dona. Margarida ?
- ALICE- Vai buscá a ambrosina.
- CLAUDIO- Que ambrosina, Tervina? Não-cunheço. A que eu cunheço é aquela veia do melcadinho.
- ALICE- Não-te faiz de besta, é o doce que eu tô dizendo.
- CLAUDIO- Ah, também tu não exprêta direito. Em vez de dizê como tá iscrevido no papel, a gente ansim não sabe.
- ALICE- Cala essa bôca, negô, dexa de fazê velgonha ! Representa direito ?
- CLAUDIO- Eu tô arrerepresentado direito, quem não tá, e tu. Tu que veê ? Me impresta esse papel aqui um mucadinho. (TIRÁ-O PAPEL DO PONTO)- Não reza embrosina nenhuma aqui no papel, pode ve.
- ALICE- Te-assucega, Denedito. Bota esse papêr ali, e-arrepresenta direito e dexa de fazê fiasco.
- CLAUDIO- Si -tu continuá apará patrúia cumigo, e eu-tiro o vistido e não arrerepresento mais. Leva a inticaz, leva a-intica. Deis que cumecemo que tu tá inticando cumigo.
- ALICE-

- ALICE- (LEVANTADO-SE E VINDO TORCER UM BELISCAO NO BENEDITO)- Caminha negô que eu ete de uma camassada de pau, que te deixo istindido no meio do chão. (OLHA PRA O PUBLICO E RI FORÇOSAMENTE)-
- PRUDÊNCIA- Nanine, podes tirar êsses pratos e trazer a sobremessa. (SERVE MAIS CERVEZA-CLAUDIO COMEÇA A RECOLHER AS VIANDAS-OLHANDO FURIOSO PARA ETELVINA E RESMUNGANDO-SAI COM OS AIANDAS)-
- ALICE- Tu não ficô com fome, Prudência ?
- PRUDÊNCIA- Não, Margarida, jantei ótimamente. (MARGARIDA COMEÇA A PALITAR OS DENTES COM A BÓCA BEM ABERTA-CAMPAINHA DE RUA)-
- C/REGRA CAMPAINHA DE RUA
- PRUDÊNCIA- Quem será ?
- ALICE- É capaz de se o duques. Pela menera de g batê , tem parencias.
- PRUDENCIA- E se fôr, meu Deus, que faremos ? (EBENEDITO ENTRA).
- CLAUDIO- O seu Duques tá aí .
- ALICE- Oh, meu Deus, estô peldida..e mal paga.
- PRUDÊNCIA- Tenho uma idéia, Margarida. Escomierei o sr. Armando lá no quarto.
- ALICE- Depressa, inhantes que seje talde. Vá, seu Armando, vá que ela amostra pro sinhora onde e. (EMPURRA ARMANDO PRA DENTRO.PRODENCIA SAI COM ELE PARA VOLTAR EM SEGUIDA, ANTES DO DUQUE ENTRAR;) Manda o seu Duques, entra. (CLAUDIO SAI-ELA, SENTA-SE A MESA, VOLTA PRUDÊNCIA, SENTA-SE A MESA TAMBÉM)-
- PRUDÊNCIA- Temos que dar um jeito para-que êle não se demore. Depois de uns 5 minutos ou lo, deveras queixar-te de dôr-de-cabeça. (ENTRA O DUQUE)-
- DUQUE (DA PORTA)- Boa- noite. Dá licença ?
- ALICE- (LEVANTANDO-SE E LINDO ENCONTRA=LO)-Oa, meu caro Duques-! Que prazer inaldito com a vossa presença. Entra. (PENDURA-SE NO BRACO DELE E DESCE COM ELE ATÉ PRUDÊNCIA
- DUQUE- Madame Prudencia tem passado bem ?
- PRUDÊNCIA- Muito bem. Obrigada. Dê-me o seu chapéu. (PEGA A CARTOLA DO DUQUE E COLOCA-A NA PRIMEIRA CADEIRA MAIS A VISTA DO PUBLICO)
- DUQUE- Vim importuná-las. Estavam jantando, não e verdade ?

- ALICE- Dr., seu Duques, não diga isso. O
sinhor sempre me dá satisfação.
- DUQUE- Oh, muito obrigado, minha filha. Tu és muito
gentil.
- PRUDÊNCIA- Quem sabe ainda não jantou, sr. Duque, ainda
está em tempo.
- DUQUE- Muito obrigado.
- ALICE- Sobrô muita cumida.
- DUQUE- Não quero, não. Já jantei. (REPARANDO QUE
TRÊS LUGARES NA MESA)- Mas...quem jantou
-co vocês duas ?
- ALICE- (ATRAPALHADA)- Quem jantô ? quem jantôo cum
nois Prudência ?
- PRUDÊNCIA- Ninguém.
- DUQUE- Como ninguém, se você são duas, e vejo três
lugares a mesa ?
- ALICE- Três lugá ? Ah, é ! Engraçado, Prudência,
-três luga !
- PRUDÊNCIA- De certo que são três lugares, Margarida. Vo-
se esqueceu que Nanine estava sentada aí ?
- ALICE- Ah, é mesmo. Nem me-alembrava mais. Intertida
com a cunhêsa, me esqueci. (PRUDÊNCIA LEVAN-
TA-SE E VAI SAIR)- Adonde é que tu vai, Pro-
dência ?
- PRUDÊNCIA- Vou ver o gatinho, coitadinho, que eu deixei
lá no teu quarto, Margarida.
- ALICE- Ah, é, então vê o bicho. Capaz d'êle fazê
alguma coisa lá. (PRUDÊNCIA SAI)-
- DUQUE- Recebi o teu recado, e apressei-me a vir ver-
te. Desejavas alguma coisa ???
- ALICE- (LEVANTA-SE PROCURANDO FINGIR-EMBARAÇO E VAM
PARA A BÉCA DE SENA)- Sim, sim...eu perci-
sava...mais, aleias, não sei se deva...(ÊLE
VEM AO ENCONTRO)
- DUQUE- Fala sem constrangimento.
- ALICE- Não me astrevo, emu care, Duques. O sinhor
tem sido tão bôo para mim...
- DUQUE- -Bem sabes que servri-te só me dá prazer.
- ALICE- (INDECISA)- É que...(PRA O PONTO)- É agora
que eu tenho que pidi ? (GESTO DE QUEM
NÃO OUVIU) -Hein ? Assôpra mais arto, não
-tô ovindo nada. (SACODE A CABEÇA Afirmativa-
-MENTE)- É que...que eu percisava...percisava
de 500 crozero.
- DUQUE- Adivinhei então o motivo do teu embaraço.
(METE NA MAO NO BÓLSO E AC TIRAR O DINHEIRO
GAI LIMA NOVA AO CHAMAR ELA PARA SENTA O

LENÇO, SEGURA O DINHEIRO E O LENÇO, E DEPOIS, MUITO MAL DISFARÇADAMENTE, ABRE -A CEDULA PARA VER DE QUANTO FOIÇ. ESCONDE-A NO SEIO E FICA OLHANDO O DINHEIRO QUE O DUQUE ESTÁ CONTANDO. ELE LHE ENTREGA AS NOTAS, ELA CONTA, BOTA-AS NO SEIO, E AGRADECE SORRINDO-

- ALICE- Muito obrigadinho, seu Duques !
- DUQUE- Desejavas mais alguma coisa ?
- ALICE- Não, seu Duques, era só isso. Era prá manda pega o telefonis.
- DUQUE- Bem, vou andando que é tarde.
- ALICE- É cedo ainda, seu Duques. Se assente prá cunvelsa um poco. (PUXA-O PELAS DUAS MAOS PARA A CADEIRA E SENTA-SE, SEM SENTIR EM CIMA DA CARTOLA DO DUQUE. PRUDÊNCIA ENTRA E COLOCA-SE NA OUTRA EXTREMIDADE, EM PÊ, PROCURANDO FAZER SINAIS A ETELVINA QUE NÃO ENTENDE.)-
- ALICE- Ele tava direitinho lá, Prudência ?
- PRUDÊNCIA- Estava, coicadinho, dormindo nos pés da cama, todo enroladinho. (PRUDÊNCIA COMEÇA A FAZER SINAIS. ETELVINA NÃO ENTENDE. O DUQUE POR DUAS OU TRÊS VEZES, SURPREENDE-A, E ELA ACHA GRAÇA)-(DISFARÇA)-
- DUQUE- O que é que a sra. tem??
- PRUDÊNCIA- Nada, sr. Duque. É uma môsca que esrá me incomodando. (O DUQUE DEIXA DE OLHAR PARA ELA E ELA BATA NA ESTA PARA LEMBRAR-LHE QUE DEVE FINGIR DÔR-DE-CABEÇA)- ALICE PERCEBE DE REPENTE)-
- ALICE- (BOTANDO A-MAÕ NA CABEÇA)- Oh, que dôr de cabeça impoltuna !
- DUQUE- Talvez tenhas ganhado frio esta tarde. Saíste, não é verdade ?
- ALICE- Dei a minha veretinha de costume no cupé pelos Campos Elizeus !
- DUQUE- Precissas repousar. Retiro-me. (LEVANTA-SE E COMEÇA A PROCURAR A CARTOLA- ALICE PERMENECE SENTADA, FINGINDO DÔR-DE-CABEÇA)-
- PRUDÊNCIA- O que procura, sr. Duque ?

- DUQUE- O meu chapéu.
- PRUDÊNCIA- Eu e havia deixado aqui. Quem sabe Nanine guardou-o lá dentro? (CHAMA-A)- Nanine! Nanine! Oh, Nanine!
- CLAUDIO- (DE DENTRO)- Eu não tenho que entrar agora. Não vá! Dêxa de se boba!
- PRUDÊNCIA- (AFALANDO PARA FORA) - Você, levou, por acaso, o chapéu do sr. Duque?
- CLAUDIO- (DE DENTRO)- Não levei nada. Isso não tá no papel, e eu não tenho que arresponde. Não me amole!
- ALICE- Quem sabe o sinhór se esqueceu-se do chapéu no bonde, seu Duques? Pode sê!
- DUQUE- Não esquecí. Deixei-o aqui, tenho certeza.
- ALICE- Se o sinhór dexô, tem que tá, -ninguém ia robá ele. Vamo procura dere'tinho. (ELVANTA-SE PARA PROCURAR E PRUDÊNCIA AVISTA-O IM SEGUIDA, TODO AMASADO)-
- PRUDÊNCIA- Está aqui, ó. Eu sabia que tinha ficado aqui na sala.
- ALICE- -Oh, que lasti. Discurpe, seu Duques. (ENDEIXA A CARTOLA E ENTREGA AO DUQUE)-
- PRUDÊNCIA- Puxando MARGARIDA pela vestido, confidenciaimente -
Pediste-lhe o dinheiro?
- ALICE- Pidi.
- PRUDÊNCIA- Quanto?...
- ALICE- 200 cruzeros.
- PRUDÊNCIA- Vais me emprestar 100?
- ALICE- Mas tu me paga depois, hein? (ALTO)- Vamo, seu Duques, vo acompanhá o sinhór até lá a porta. (ENFIALHE O BRAÇO E SAI COM ELE)-
- PRUDÊNCIA- (DEPOIS QUE ELAS SAEM-CHAMANDO ARMANDO)
Pronte, sr. Armando, pode vir. Conseguimos livrar-nos do Duque. (ARMANDO ENTRA COM A FISIONOMIA FECHADA)- O que é que tem? Está aborrecido?
- ARMANDO- Amo Margarida e não posso vê-la dispensar atenções a outros homens.
- PRUDÊNCIA- Ah, então é o ciúme que o deixa assim?
(RI COM VONTADE)- Ora, franca-

mente, -só rindo sr. Armando, só rindo.
O que imagina que seja o sr. Duque para
Margarida?

- ARMANDO- Não é difícil adivinhar, madame Prudência.
- PRUDÊNCIA- Pois está muito enganado, meu amigo. Sente-se aqui e conversemos. (SENTAM-SE)- O duque tinha uma filha da mesma idade de Margarida e parcidíssima com ela. Essa filha adoeceu e morreu. O Duque ficou desesperado. Um dia, numa estação de águas, conheceu Margarida, e ficou impressionado com a aparência dela com sua filha. Soube de sua vida e veio propôr-lhe de abandoná-la que ele então, custearia todas as suas despesas. Margarida estava cheia de dívidas, aceitou a proposta, mas sob a condição expressa do Duque, de não ter mais nenhum amiguinho, embora-ê ele não seja para ela mais do que um pai. Faz-lhes as despesas, apenas, nada mais. Já vê, meu amigo que não ha razão para ciúmes. (ENTRA MARGARIDA)
- ALICE- Que bom que êle se foi. Eu só me lembrava que o sr. tãva preso lá dentro.
- PRUDÊNCIA- E reido de ciúmes, Margarida, vê só.
(COMEÇA A RIR MUITO)-
- ALICE- Ciúmes? Oh, Por que? (RI MUITO DESAGELTADAMENTE SEM LINHA-BATE A CAMPAINHA)-
- C/REGRA CIGARRA TOCA
- PRUDÊNCIA- Quem será?
- ARMANDO- (PICADO)- Algum outro pai, com certeza.
- PRUDÊNCIA- Oh, sr. Armando, veja que-nao acreditou no que lhe contei. Não injurie Margarida.
- ALICE- Oh, como sou infeliza. (ENTRE PENEDITO)-
- CLAUDIO- O seu Gastaõ e a dona Olimpia, tãõ ai. É pra entra ou pra dizê que saio?
- ALICE- Pode mandê entrá Nanines. (EBENEDITO SAI)- São uns amiguinho da gente. Combinemos de e dançã num clubis notulhe. O senhor vai tambem com a gente, não vai, seu Armando? (ENTRAM OLIMPIA E GASTAÕ, MUITO ALEGRES E MUITO BAFUEHENTOS FAZENDO GRANDE ALARIDO. TROCA DE AMABILIDADE ENTRE AS DUAS MULHERES E CS RECEM CHEGADOS)- Ah, deza apresenta aqui, o seu Alandno e dois amiguinho.
- OLIMPIA- Muito prazer.

- ARMANDO- Armando Lival. Encantado, Mademoiselle.
- GASTAÕ- (APERTANDO A MÃO DE ARMANDO)- Gastaõ De Rieux !
- ARMANDO- Armando Dival !
- ALICE- Óia , agora que você's já se conhece, vão se assentando.
- OLIMPIA- A demora é pouca. Viemos buscálas como havíamos combinado. O sr. virá também conosco, não é verdade, sr. Dival ?
- ARMANDO- Si me permitirem, terêl prazer nisto.
- OLIMPIA- O prazer será todo nosso. (APROXIMA-SE PRUDÊNCIA, OLHANDO-A SIGNIFICATIVAMENTE PARA ARMANDO. CONFIDENCIAL A PRUDÊNCIA)- Bem simpático ! Que apito toca ?
- PRUDÊNCIA- Não sei.
É mais um apaixonado de Margarida.
- OLIMPIA- Olha que tem-muita-sorte essa criatura. Ela é pior que pia de igreja. Todo mundo mete as mãos.
- GASTAÕ- Creio que não devemos perder muito tempo, não é verdade ? Temos ainda quase uma hora de coupe até o Club e Margarida não devera-recolher-se muito tarde, segundo me disse o medico que a está tratando.
- ARMANDO- Creio até que talvez fôsse melhor ficar, não lhe parece ?
- GASTAÕ- -Dêixe-a divertir-se um pouco, sr. Dival. A vida é curta.
- ARMANDO- Bem, eu me limitei a dar uma sugestão que pedera ou não ser aceita pela menina-Gotie. Eu não tenho mesmo o direito de interferir.
- OLIMPIA- Vãmos, sim, vamos todos ao Club divertir-nos dansemos e beberemos bastante. Estou muito alegre hoje e desejo dar expansao a esta minha alegria. Tenho tanta vontade de correr e brincar que vou começar por aqui mesmo, (PASSA A MÃO PELO PESCOÇO DE ARMANDO, COMEÇA A CANTAR UMA VALSA DE OPERETA E A DANSAR. PARA UM MOMENTO PARA MANDAR QUE OS OUTROS FAÇAM O MESMO GASTAÕ ENLAÇA MARGARIDA, NANINE ENTRA NO MOMENTO E AGARRA-SE EM PRUDÊNCIA E DURANTE ALGUNS MOMENTOS TODOS CANTAM E DANSAM. DE REPENTE MARGARIDA COEÇA A BOTAR A MÃO NA CABEÇA, COMO A SENTIR-SE TONTA. PARA DE

DANSAR E SENTA-SE NO DIVAN. TODOS PARAM E PERGUNTAM O QUE FOI.

PRUDÊNCIA- Fala, minha querida, diz o que tens.

ALICE- Não-se assustem, foi uma tontura. Já passô. É melhor vocês i que eu-vo discansa um-pôco, discansa um poco e depois tomo a minha lambreta e vô encontra vocês.

OLIMPIA- Ora que pens ! Já fica estregado o nosso programa. Porque voce não faz um pequeno esforço e não vem conosco ?

PRUDÊNCIA- Não convém, Olimpia. -É melhor que tia discanse um pouco primeiro.

GASTÃO- É realmente lamentável. O grupo já não irá completo.

ALICE- Tá bom, intão eu vô. Nanines, traz a minha capa de alinho. (BENEDITO SAI)-

ARMANDO- Parece-me uma imprudência o que vai fazer!!!

ALICE- Não é nada de melhor, não se assuste. - (BOTANDO A MÃO NA BARRIGA) - Eu acho que foi o pastel que não me assentô muito bem.

GASTÃO- Coitada ! Procura enganar-se a si mesma

PRUDÊNCIA- Cuidado, fale baixo que ela pode ouvir.
(ENTRA BENEDITO COM A CAPA DE BABADOS ARMANDO SEGURA-A. MARGARIDA VAI AO ESPELHO, GEITA OS CABELOS, ARMANDO COLOCA-LHE A CAPA E, QUANDO VAÕ TODOS SAINDO ELA TEM UM ACESSO DE TOSSE, VOLTA DO A SENTANDO-SE NO DIVAN A TOSSIR) - É -
melhor nós irmos. Se Margarida melhor virá encontrar-nos mais tarde. (EMPURRANDO TODOS VAMOS, VAMOS, quando ela está assim gosta de ficar sozinha.

SAEM TODOS. MARGARIDA PERMANECE NUM ACESSO DE TOSSE POR ALGUNS MOMENTOS E POR FIM, ENCOSTA-SE ABATIDA NO DIVAN) - (ENTRA ARMANDO, SEGURANDO-LHE A MÃO QUE ESTA PENDENTE E FAIA-LHE COMPUNGIDO) -

ARMANDO- Por que não se trata, menina Gotie ? Tão noya ainda de tosse e tão bela ! Por que não foge ao bulício dessa vida desregada e não se recolhe a uma casa de campo para convalescer ? Não corra de encontro a morte. A vida é boa e pode lhe oferecer, ainda, tanta coisa linda !

- ALICE- Como o sinhór é baã, seu Armando ! É verdade então que o sinhór me ama-me ?
- ARMANDO- Muito, Margarida, muito ! Com todo o ardor da minh'alma ! Com toda a força do meu coração.
- ALICE- (TIRANDO UMA CAMELIA DOS CABELOS E DANDO-A A ARMANDO)--Pela sencericidade dessas palavras tão chics que-o sinhór m' disse, vô lhe dá essa carmelia de recompensia. (QUANDO ELA TIRA A CAMELIA OS CACHOS SAEM JUNTO. ELA SEPARA A FLÔ DO POSTIÇO, COLOCA-O RAPIDAMENTE NA CABEÇA E ESTENDE A FLÔ PRÁ ELE)-
- ARMANDO- -Oh, Margarida, como eu fou feliz !
- ALICE- Essa-Carmélia o sinhór é de me devorvê ela um dia.
- ARMANDO- Quando Margarida ?
- ALICE- Quando ela tivé mulcha.
- ARMANDO- Ficará então poucos dias em minha mão.
- ALICE- E mesmo assim inda é capaz que dure mais do que o seu amor.
- ARMANDO- Oh, Margarida, não me faça tamanha injustiça. O meu amor ha de ser eterno, juro.
- ALICE- É velade ? Então, arrepete otra vêiz que tu me ama-me.
- ARMANDO- Amo-te, sim, Margarida. AMO-TE. (ABRAÇA-A)-
- ALICE- Armando :
- ARMANDO- Margarida ! (ALICE COMEÇA A FAZER SINAIS PARA O PANO FECHAR MAIS ELE PERME-NECE ABERTO E ELA VAI REPETINDO O NOME DELE E ELE O NOME DELA, ACOMPANHADO SEMPRE OS GESTOS PARA QUE O PANO SE FECHHE QUANDO ENTRE BENEDITO)-
- CLAUDIO O seu Eustáquio, mandô q'zê que o pano não que fechar. Disse que tá empacado. (O PANO - - COMEÇA A FECHAR)-
...Ah, disimpacô, agora. Tá fechando !

- A DAMA DAS CAMELIAS -

SEGUNDO ATO :

AO ABRIR-SE O PANO A CENA ESTÁ DESERTA. ENTRA PRUDENCIA DA RUA, TIRANDO O CHAPEU E COLOCANDO-O SOBRE A MESA, AGEITANDO OS CABELOS AO ESPELHO. OS VASOS ESTÃO SEM FLORES. PRUDENCIA FALA PARA DENTRO.

PRUDENCIA- Pódes entrar para cá, Olímpia.

OLIMPIA- (ENTRANDO) Estava admirando aqueles quadros que Margarida tem na saleta de entrada,

PRUDENCIA- Tudo que vês ali, é presente do Duque...

OLIMPIA- Ele deve ser muito rico, não? Um velho assim é que o medico me receitou... (RI)

PRUDENCIA- Riquíssimo. Creio, entretanto que já descobriu as sujeiras da Margarida, porque há dois meses que não lhe manda um franco que seja. A coitada está atrapalhadíssima para atender aos credores.

OLIMPIA- Qualquer dia os homens de vermelho estão aqui batendo para cobrar as contas...

PRUDENCIA- Margarida-já mandou uma carta para o Duque e ele nem sequer respondeu. Foi para entender-me com ele que vim hoje de Anteuil.

OLIMPIA- E ela como ficou?

PRUDENCIA- Encantada da vida. Passa os dias passeiando pelo campo com Armando, ou fazendo passeios de bote, no lago...

OLIMPIA- Não lhe são prejudiciais os passeios a pé? O médico não lhe recomendou repouso absoluto?

PRUDENCIA- Sim, mas prender Margarida em casa, é o mesmo que condena-la a morte.

OLIMPIA- Poderia passear de carro. Ela não levou o cupê?

PRUDENCIA- Levou, mas ela prefere a lambreta. Mesmo ela teve que se desfazer do cupê como de muitas outras coisas de valor. Hoje trouxe este anel que venderei, se o Duque não concordar em mandar-lhe dinheiro. (OLIMPIA EXAMINA O ANEL, ENTREGANDO-O A PRUDENCIA)

OLIMPIA- E Armando nada faz por ela?

- PRUDENCIA- Ela não admite. Ademais, ele ignora a verdadeira situação em que Margarida se encontra, - porque ela oculta dele tudo quanto diz respeito a dinheiro. Não-admite que ele gaste coisa nenhuma com ela. Diz que lhe bastam o seu amor e o seu carinho...
- OLIMPIA- Então ela está-fuzilada, minha boa Prudencia. Amor sem dinheiro, não vale nada...
- PRUDENCIA- Eu também acho, Olímpia.
- OLIMPIA- E Margarida está perdida, então?
- PRUDENCIA- Completamente. Armando está completamente tarado por ela. Imagina que nem responde mais as cartas que o pai e a irmã escrevem a ele...
- OLIMPIA- E se tu contasses tudo para o Armando sem que Margarida soubesse?...
- PRUDENCIA- Ela me mataria o dia que descobrisse. Além disto que poderia ele fazer por ela? Sua família é remediada e Armando tem um rendimento que seria muito mixuruca diante dos gastos de Margarida. A terça parte do que ele tem, ela gasta mensalmente em camelias. E o aluguel das casas, as despesas da manutenção das mesmas, e os seus vestidos e as suas joias? Para uma criatura como Margarida, só uma fortuna como a do Duque de Moriac ou do Conde de Girre.
- OLIMPIA- Foi o Duque de Moriac que a mandou para o campo
- PRUDENCIA- Foi ela que resolveu ir, mas foi ele que alugou lhe a casa, precisavas ver! Um verdadeiro sonho Também alugou-a, o Duque, por quatro mil francos!
- OLIMPIA- Por este preço deve ser uma casa lindíssima...
- PRUDENCIA- Um verdadeiro encanto. O jardim é maravilhoso. Temos passado lá uma temporada agradabilíssima.
- OLIMPIA- Mas e a tua loja de chapéus, abandonaste-a.
- PRUDENCIA- Enquanto o Duque mantinha as despesas de Margarida, eu não me preocupava. Agora receio muito de ter que reabri-la. Em todo-o caso hei de fazer tudo para salvar Margarida da ruína. (CAMPAINHA DA RUA) Deve ser o Duque. Esta exatamente na hora que annunciou que viria e ele é pontual como um inglês.
- OLIMPIA- Vou-sair por aqui, então, não será, talvez, conveniente que me encontre aqui. Adeus, Prudencia

- PRUDENCIA- Adeus, Olimpia, obrigada. (OLIMPIA SAI. PRUDENCIA VAI ABRIR A PORTA - HÁ UMA PAUSA E ELA VOLTA ACOMPANHADA DO DUQUE. ESTE COLOCA SUA CARTOLA NA CADEIRA MAIS À VISTA DO PÚBLICO E VEM SENTAR-SE NO DIVAN. PRUDENCIA VEM SENTAR-SE AO LADO DELE.)
- DUQUE- Recebi seu bilhete e aqui me tem.
- PRUDENCIA- Meu caro Duque, vim expressamente de Anteuil para falar-lhe.
- DUQUE- Diga então o que deseja de mim...
- PRUDENCIA- Margarida escreveu-lhe uma carta e como não obteve qualquer resposta do senhor...
- DUQUE- (CORTAN O) Já sei. Pensou que havia de me fazer de bobo a vida inteira, não é?
- PRUDENCIA- Como assim, senhor Duque? Não estou entendendo.
- DUQUE- Ora não se faça de ingenua, Madame Prudencia. Margarida vivendo lá no campo com o Sr. Armando Dival e a senhora bem sabe quais foram as condições que lhe propuz para auxiliá-la em tudo que necessitasse.
- PRUDENCIA- Exigia que ela abandonasse a sua antiga vida, eu sei. Mas o caso de Margarida com Armando é muito diferente, meu caro Duque de Moriac. Ela ama-o verdadeiramente e ele também a ela. Se não se casara o senhor Dival com Margarida se ela não quizer. Creio que o senhor não se oporia a felicidade dela, não é verdade? O senhor a estima tanto.
- DUQUE- Oponho-me a que mantenha qualquer relação amorosa com quem quer que seja ou então abandoná-la a sua sorte. Não gosto de faleragem comigo.
- PRUDENCIA- Parece-me que o senhor Duque excedeu-se um pouco no seu zelo por ela. Afinal toda a mulher - seja ela quem for - tem direito a um pouquinho de felicidade. E Margarida é agora inteiramente feliz ao lado de Armando.
- DUQUE- (LEMANTANDO-SE INDIGNADO-E CAMINHANDO PARA O LADO OPOSTO DO PALCO)-Pois então que continue. Que não me procure mais. (SENTA-SE NA CADEIRA AO LADO DA QUE ESTÁ A SUA CARTOLA. PRUDENCIA LEVANTA-SE DE ONDE ESTÁ, VEM PARA JUNTO DELE E NA ANSIA DE CONVENIR-LO SENTA-SE EM CIMA DA CARTOLA SEM SE APERCEBER)
- PRUDENCIA- Mas ó senhor duque, seja razoável. O senhor não

- DUQUE- É inútil insistir, Madame Prudencia. A minha resolução é a que acabei de dizer. Eu quando empesco sou pior que burro chucro.
- PRUDENCIA- Não posso me convencer, seu burro... quer dizer, seu Duque. O sr. quer muito bem a ela, não é verdade? O senhor tem uma batida por ela, não?
- DUQUE- A senhora ainda pergunta? Eu tenho um rabicho p pela menina Góie.
- PRUDENCIA- Então solte o rabicho da Margarida e deixe-a em paz. É exatamente por não duvidar do seu afeto por ela e que acho estranho que lhe negue auxílio num momento em que está tão necessitada. A pobre Margarida está numa sinuca de bico...
- DUQUE- Pois o homem que a faz tão feliz, que trabalhe e lhe-dê tudo quanto ela necessita. Eu não posso mais dar. Já dei de mais...
- PRUDENCIA- O senhor já deu que chegue, não é sr. Duque? E quando-a gente da de mais, cansa, não é? Arman- do daria tudo para ela de bom grado, estou con- vencido disto, ele entretanto não o quer. É or- gulhosa...
- DUQUE- Já sei. Quer que-eu continue a pagar-lhe as des- pesas para que vivam os dois a minha custa, não é isto? Não senhora, ela está muito enganada.
- PRUDENCIA- Diga-lhe Madame Prudencia que o Duque de Merriac é bom, mas não é bobo. Diga a ela que eu ainda posso usar chapéu, pois não tenho nada na cabe- ça que-me impeça de tal... (PAUSA) Peço-lhe, a- gora licença para retirar-me. (PROCURANDO A CAR- TOLA) Onde será que deixei o meu chapéu? (PROCU- RA-O POR TODA PARTE, ENQUANTO PRUDENCIA PERMANE- CE PERBANDO COMO A VER SE ENCONTRA AINDA UMA SAÍDA) Não viu a senhora o meu chapéu, Madame?
- DUQUE- (COMO QUE DESPERTANDO) Como disse senhor Duque?
- PRUDENCIA- O senhor já deu que chegue, não é sr. Duque?
- DUQUE- Não viu a senhora onde deixei o meu chapéu?
- PRUDENCIA- (LEVANTANDO-SE) O seu chapéu...vou procur-lo. (DÁ UM'S PASSOS, OLHA EM VOLTA COMO A PROCURA-LO E ENCONTRA-C A ASSADO NA CADEIRA.) Esta aqui. (ENTREMITANDO-C E DANDO-O AO DUQUE) Desculpe foi sem querer.
- DUQUE- (ZANGADO) Passe muito bem, Madame Prudencia e diga a menina Góie que...necas. (SAI)
(DEPOIS QUE O DUQUE SAI, PRUDENCIA DÁ ALGUNS PASSOS PELA CENA PENSATIVA. PEGA O A'EL DE MARGARIDA, OLHA-O ALGUM TEMPO E DIZ:)

- PRUDENCIA- Que pena! Um anel tão lindo e ter que vendê-lo. Se eu tivesse um Duque de Morriac, havia de comprá-lo para mim. Bem, uma vez que não há outro remédio, vou tratar de procurar os compradores. (PEGA O CHAPEU DE CIMA DA MESA E VAI COLOCA-LO A FRENTE DO ESPELHO. PERMANECE UM MOMENTO A CAMPAINHA DA RUA TOCA.) Quem será? Teria o Duque se arrependido?
(PRUDENCIA SAI PARA ABRIR A PORTA E AINDA NO INTERIOR EXCLAMA) :Ué, Margarida que surpresa. O que foi isto? O que aconteceu?
- ALICE- (ENTRANDO SEGUIDA DE PRUDENCIA E NANINE. NANINE TRZ UMA VALETA)
Nada de melhor, não te assusta. Almoço percis vim a Paris procura umas calça do pai e da irmã e su intão aproveitei e vim junto. (TIRA O CHAPEU) Viemo de lambreta...
- CLAUDIO- Nois três viemo lambretando por estas estradas que nem travivado.
- PRUDENCIA- O Duque está agora mesmo daqui. Não o encontrou? Está lá em baixo?
- ALICE Não. E tu pediu o dinheiro pra ele?
- PRUDENCIA- Pedi mas ele negou-o. Disse que deve bastar-te o amor.
- ALICE- Que caçagestre, heim? Não faz mal, ele vai precisa pra compra velas.
- CLAUDIO- Como é, dona Margarida, adonde é que eu vôtuta essa bagage? Já tô com o braço doendo do peso desta mala.
- ALICE- Ora Nanines, deixa aí em qualquer palte, precisa pergunta? (BENEDITO BOTA A MALA EM CIMA DA MESA) Que dizê que intão vamo tê que vendê o anel?
- PRUDENCIA- É, não há outro remédio.
- ALICE- (SENTANDO-SE E TIRANDO O ABRIGO) Não se assustemo. Esse anel deve de valê uns bom crozero. Eu acho que nois vede-se-ele bem vindido que gois paguemo tudo e ainda sobra troco. Nois não devero tanto assim.
- CLAUDIO- Isso é o que a sinhora pensa. Óia: temo atrazado no almazem, temo atrazado no padero, temo atrazado no alugue da casa, temo atrazado no açougue, temo atrazado em tudo quanto é

ALICE- Tá bão chega, Nanines, a gente já sabe, não precisa tá dizendo. Tu enche, hein?

PRUDENCIA-Eu ia sair justamente agora para ver se vendia o anel.

ALICE- Pois então vai Prudencia. Eu fico esperando aqui. O Almando ficou de vim me busca depois das sete. Dá tempo de tu ir e vim anti que ele venha.
(CAMPAINHA DA PORTA) Te aligera.

PRUDENCIA-Quem será? (DIRIGE-SE PARA A PORTA).

CLAUDIO- Dêxa que eu vô vê, Madama Imprudencia. (SAI, PRUDENCIA FICA.)

ALICE- Oia aqui, Nanines? (BENEDITO VOLTA)

CLAUDIO- O que é, dona Margarida?

ALICE- Se fô a prestação tu diz que nós temo fóra e que so vortemo daqui a treis me's.

CLAUDIO- Óra, pur isso não perc'sava me fazê vortá. Eu já acostumado a trampa eles. (SAI)

ALICE- Tu vai agora então, não é, Prudencia? E vê se vortá ta antes das sete.

PRUDENCIA-Vou esperar um momento para ver quem é que chegou ai.

ALICE- Póde sê que seja o seu Duques.

PRUDENCIA-Não creio. Suiu daqui tão zangado com você que não acredito na sua volta. (BENEDITO ENTRA).

CLAUDIO- Tervina... qué dizê, dona Margarida, tem ai um home que que fala muito com a sinhora. Disse que e assunto particular.

ALICE- Quem será? Não sendo cobradô póde mandá intrá.
(BENEDITO SAI)

PRUDENCIA-Assunto particular, disse Nanine. Não devo ficar aqui, então.

ALICE- Tu já vai vendê o anel?

PRUDENCIA-Vou esperar um pouco ali de tro, estou curiosa para ver quem é. (SAI)

CLAUDIO- (APARECENDO ACOMPANHADO DE JORGE DUVAL) Tá aqui ele, dona Margarida.

DUVAL- É a menina Gotfê?

amiguinha as ólde,

DUVAL:- (CURVANDO-SE)- Minha sra. !

ALICE:- (EMITANDO O GESTO E EXAGERANDO-O)- Meu si-
-nhoro !

DUVAL:- Jorge Duval às suas ordens !

ALICE:- O pai do Almando ?

DUVAL:- Eu mesmo !

ALICE:- (ABRAÇANDO-O ESCANDALOSAMENTE E SEM CERIMÔNIA)- Como vai ? Muito gosto de cun hece.
Dexa ve o seu chapéu.

(ARRANCA-LHE A CARTOLA DA
-DA MÃO- -

Toma, Nanines, bota no cabidris. (CLAUDIO
AGARRA-A E BOTA-A NA MESMA CA-
DEIRA EM QUE AS OUTRAS FORAM
AMASSADAS)- Se assente !

DUVAL:- (EM PÉ)- Desejo falar muito com a menina.

ALICE:- Eu tô as suas orde. Mais se assente.

DUVAL:- O assunto que me traz aqui é de muita gravi-
dade.

ALICE:- Tá bom, mais se assente, e se abra que nem
sanfona...

DUVAL:- (CONTINUA DE PÉ)- Trata-se de...

ALICE:- (UMFURRA--O COM RAIVA)- Te assenta, animal !

-- ELE CAI-SENTADO NA CADEIRA)-
Quantas vez já te disse pra tu te assenta,
nananao ? (OLHA PARA O PÚBLICO E SORRI FOR-
ÇOSAMENTE)-

Mais como o sr. tava dizendo...

DUVAL:- O assunto que me traz aqui é de suma gravi-
dade. Trata-se de meu filho. (ALICE DÁ DOIS
PULINHOS E VEM SENTAR-SE AO LADO
DELE, EXATAMENTE EM CIMA DA CAR-
TOLA, SEM NOTAR)-

ALICE:- Pôde falá que tã uvindo !

DUVAL:- Antes de mais-nada : a sra. terá que aban-
donar o meu filho.

ALICE:- Tu é besta.-Não chacoaia. E eu como é que
fleo se a minha costela com estas noutes de
frio ?

DUVAL:- Terá que abandoná-lo, repito, menina Gotiê.

ALICE:- Disguia, disguia, seu Dolval. Vã baixá
n'entre terreiro.

DUVAL:- Ouça menina : meu filho não só se
perdera por sua causa, como será ainda a ruí-
na de sua irmã.

(PERGUNTANDO AO PONTO)- O que é ? Não ouvi !
Fala mais arto, diabo. (AINDA NÃO OUVIU)-
Eu sei que não tá no paper, e agora ?- Tive
vontade de dizer, ara essa, a boca é minha.

(OLHA BRABA PARA O PONTO)-

-Engraçada ! Quem é a diretora aqui ? Não
-so eu ? (OLHAR DE RAIVA AINDA POR ALGUNS

INSTANTES PARA O PONTO-VOLTA-SE
PARA O DUVAL E HÁ UMA TRANSIÇÃO
PARA UM SORRISO FORÇADO. FAZ SINA
A DUVAL QUE RECOMEÇE- DUVAL ES-
TÁ PERDIDO E ESPERA PELO PONTO
ELA DÁ-LHE UM SAFANAÇÃO PARA RECO-
MEÇAR, ELE SEGREGA-LHE ALGUMA
COISA-OLHAM OS DOIS PARA O PON-
TO E ELA DIZ ALTO E IMPACIENTE,
DIRIGINDO-SE AO PONTO)-

Principeia d'uma vez, o que é que tá espe-
rando ? (PAUSA-FICAM OS DOIS OLHANDO UM

PARA O OUTRO E DEPOIS PARA O
PONTO)- Mais arto-! O senhor

tá cansado de saber que esse diabo é meio
sulto. (T)- Andar, fala, seu Espantaleão.

DUVAL-

Pois é isto, menina Gotiê, venho-pedir-lhe.
(AJOELHA-SE)-..suplicar-lhe
que abandone o meu Armando.

ALICE-

Oh, que solicção ! É muito que me pede por-
que eu o amo ele, ele me ama, nós se ame-
mos.

DUVAL-

Mas, é necessário deixá-lo, acredite. Sei
que o ama, e agora, diante da sua beleza,
compreendo que meu filho também a ama, mas
não é justo que minha filha, aquele anjo
inocente de pureza e de candura, sofra as
consequências da levandade do irmão.

ALICE-

Mais o que é que a irmã do Armando tem que
ve cum isso, seu Dolval ?

DUVAL-

Ela está noiva de um rico mancebo, mas a
família dele pertence a aquela classe de gen-
te agarrada ao preconceito e conveniências
sociais. Souberam das aventuras de meu filho
e declararam francamente que consideraram
desfeito o compromisso se Armando continuar
a viver publicamente, como o faz em sua com-
panhia. É justo que o futuro de uma jovem
tão casta e tão boa, seja sacrificado pelos
desvarios de seu irmão ? Margarida, vejo que
você é boa e que as minhas lágrimas hão de
convencê-la.

ALICE-

Não chore, seu Dolval, eu não posso vê
ninguém chorar que já começo a verter. É se
alivante que o senhor tá machucando as suas
carças. (ELE SENTA-SE E ELA LIMPA OS

JONLHOS DELE COM A MÃO)-

DUVAL-

Vai deixá-lo, então, menina Gotiê?

ALICE-

Isso é um buraco, sabe, seu Dolval? Eu tô tão habituada com ele. Ele é tão bom pra mim. Faz tudo que eu quero. (COÇANDO A CABEÇA Inte cafune ele me faz as veis.

DUVAL-

A sua. arranjará outras que lhe façam. Veja, menina Gotiê, tem diante de si, - um pai sábio que vem lá por um grande sacrificio, a verdade, mas um sacrificio que não sera em vão, porque dele depende a felicidade de uma jovem donzela, a tranquillidade de um velho que sou eu...

ALICE-

Dexa disso. O senhor não é tão velho assim. O sr. ainda dá um quilo certo.

DUVAL-

...é a salvação de um rapaz estraviado. Deus lá de lhe recompensar todo o beneficio que o seu gesto nos trará. Eu mesmo hei de rezar a ele e pedir por si. (PAUSA-DUVAL ENXUGA OS OLHOS)-

ALICE-

(VIRANDO O SONO PARA O OUTRO LADO E FALANDO PARA SI MESMA)- Goisa pra! Eu não gosto de vê ninguém chorar, sinão começo logo a verte.

DUVAL-

Então? O que me diz? Devo sair daqui benfizando-a pela sua bondade ou amaldiçoando-a pela sua teimosia?

ALICE-

(DEPOIS DE UMA PAUSA EM QUE REFLETE E A SUA FISIONOMIA SE CONTRAI-LEVANTA-SE, VEM À BOCA DE CENA E COM GESTO E VOZ TEATRAL FALA-DUVAL LEVANTA-SE TAMBEM, E ESTÁ SUSPENSO AOS LABIOS DELE, AGUARDANDO A SUA SENTENÇA)-

Seu Dolval! (PAUSA)- O supplicio que enzige de mim, e o ma's torturante, que um hane pôde inzigi do correção d'uma mãe que faz do home acido, o seu idolo. Sei que vo sofre pra cachorre. (BAIXA OS OLHOS PARA O PONTO)- Dexa, eu quis dizê. (VOLTANDO AO TOM E GESTO ANTERIOR)- Oh, se eu vo sofre, -mey Deys. Nem goste de me atembra. Mais o sinhor pôde sai daqui na certeza de que Margarida Gautier-a dama das carmelita-, como o vurgo pili-do ela- ha de abandona o seu filho Alvaro Duval.

DUVAL-

(SEGURANDO-LHE AS MÃOS COM AS SUAS E BELSANDO-AS)- Oh, Margarida! Margarida! Eu tinha certeza de que-eras boa! O meu coraçao-não me enganou. Hei de querer-te muito e hei de lembrar-te sempre pelo teu gesto de despreen-

ALICE-

(CHORANDO)- Oh ! Mais eu vô sofrê munto !
Tanto ; Tanto ! (LEVA O LENÇO AOS OLHOS E
VOLTA A SENTAR-SE EM CIMA DA CARTOLA
DO VELHO-ÊLE SEGUE-A E ACARINHA-LHE
OS CABELOS)-

DUVAL-

Mas tudo passa, minha filha. Você o esque-
cerá e há de encontrar outro que o substitua.
SEGUE ACARINHANDO-LHE OS OS CABELOS

ALICE-

Não me dismancha os bucri, animar. (VOLTA A
COM O LENÇO SOBRE OS OLHOS)-

DUVAL-

Deus há de ^{lhe} recompensar o sacrificio, minha
filha. E agora, Adeus. Devo partir antes
que ele chegue. Não convem que me encontre
aqui. (MARGARIDA FICA SOLUÇANDO COM O LENÇO
NOS OLHOS, SEM TIRA-LO)- Onde é que eu deixei
o meu chapéu ? (PROCURA-O COM OS OLHOS EM
VOLTA. ELÁ, SUSTENDO O LENÇO SOBRE OS OLHOS
COM UMA DAS MÃOS, COM A OUTRA RETIRA A CARTO
LA DEBAIXO DE SI, ESTANDE-O A DUVAL, SEM
OLHÁ-LO. ÊLE SEGURA-A, FECHA A FISIONOMIA
MOSTRANDO O SEU DESCONTENTAMENTO E SAI INDI-
REITANDO A CARTOLA. HÁ UMA PAUSA EM QUE
ELA PERMENECE NA MESMA ATITUDE. ENTRA PRUDÊN-
CIA AFLITA)-

PRUDÊNCIA-

(VINDO)(A ELA)- (SENTANDO-A SEU LADO, ENLA-
ÇANDO-A)- Margarida ! Minha pobre e desventu-
rada amiga ! Ovi tudo. Vais então mesmo
deixa-lo ?

ALICE-

(TIRANDO O LENÇO DOS OLHOS)- Anssim é per-
ciso.

PRUDÊNCIA-

E o que vais dizer-lhe, já pensaste ?

ALICE-

Não sei, Prudencia, nem sei o que é que eu vô
dize.

PRUDÊNCIA-

Terás que sentir muito bem, do contrário, ele
não te acreditará. (PENSA UM POUCO)- Espera
ai, tenho uma ideia. (SAI DEPRESSA-MARGARI-
DA FICA SÓ E COÇA AS PERNAS POR DUAS VÊZES.
POR FIM LEVANTA UM POUCO A SAIA MOLHA OS
DEDOS NA BÔCA E SEGURA UMA PULGA QUE MATA
COM O PÉ. PRUDÊNCIA VOLTA TRAZENDO PAPEL DE
CARTA, CANETA TINTEIRO. COLOCA TUDO NA MESI-
NHA)- Pronto ! Chega-aqui para a mesa e esc-
creve o que te vou ditar ETELVNA APROXIMA
UMA CADEIRA DA MESA E SENTA-SE. PRUDÊNCIA
DÁ-LHE A CANETA E ELA MOLHA NA BÔCA ANTES DE
MOLHAR NO TINTEIRO;)-

ALICE-

(CHOROSA)- Pobre do meu Almando ! Nem gosto
de me lembrar do que ele vai sofrer. Que
torturas. (OUTRO TOM OLHANDO PARA PRUDÊNCIA)-
Êle vai fica safado cumigo, Vai senti
munta farta dos meus cafune...

PRUDÊNCIA-

Escreve, minha infeliz amiga. Não há outro
remedio. (DITANDO)- Carissimo Armando !

ALICE-

(REPETENDO)- Carissimo Almando. (ESCREVENDO)-
Carissimo. (OLHANDO PARA PRUDÊNCIA QUE ESTÁ

- É com c'ídlhado ou sem c'ídl ? (PRUDÊNCIA FAZ UM GESTO DE QUE NÃO TEM IMPORTÂNCIA E QUE ELA SIGA, SEGREGA-LHE ALGUMA COISA NO OUVIDO)- Ah, e mesmo, não precisa escrever. É uma carta fingitiva. (FINGINDO DESAGEITADAMENTE QUE ESCRIVE)- Caríssimo Armando...
- PRUDÊNCIA- Não te quero mais...
- ALICE- (REPETINDO E FINGINDO QUE ESCRIVE)- Não te quero mais...
- PRUDÊNCIA- É inútil me procurares porque não me encontraras em parte alguma..(ELA FINGE QUE ESCRIVE)
- ALICE- É inútil me procurá porque tu não vai me encontrar em parte alguma.
- PRUDÊNCIA- Sé o amor, infelizmente, não nos basta para viver. (LE APINGE QUE ESCRIVE REPETINDO UMA OU OUTRA DAS FRASES QUE PRUDÊNCIA DIZ)- (T)- É mesmo. Se de amo não se vê. Precisa e a chepa. (T)-Ta.
- PRUDÊNCIA- Perdoa o mal que te vou fazer e esquece a tua Margarida.
- ALICE- (FINGINDO SEMPRE)- ..e esquece a tua Margarida. Agora-tenho que assina, não é ? Sinao ele não vai sabe quem foi que inscreveu.
- PRUDÊNCIA- Já está assinado, minha querida. (REPETE)- ...É perdoa a "tua Margarida" !...
- ALICE- Ah, é ! A Margarida é a assinatura. (BOTA A CARTA ESPETADA NO BURACO DO TINTEIRO)-Ta ! (PRUDÊNCIA DOBRA A CARTA E COLOCA-A NO ENVELOPE)
- PRUDÊNCIA- Agora podes ir lá para dentro e deixa o resto por minha conta. (NANINES PASSA PARA IR CAMPAINHA DE RUA ASSINALA)
- C/REGRA ATENDER A PORTA)- Deixa, Nanine, deve ser Armando e vocol não devem aparecer. Nem tu, nem Margarida. Vao as duas lá para dentro e não venham aqui sem que ela tenha ido emboa. (SAEM AS DUAS. PRUDÊNCIA ARRUMA O CABELO NO ESPELHO E VAI ATENDER A PORTA. OUVE-SE COM PRIMENTOS DOS DOIS AINDA FORA)-
- ARMANDO- (FORA)- Boa-tarde, dona Prudência.
- PRUDÊNCIA- (FORA)- Boa-tarde, Sey Armando, entre.
- ARMANDO- (ENTRANDO)- Margarida ainda não chegou ?
- PRUDÊNCIA- (ENTRANDO)- Já-chegou e já saiu, sr. Armando
- ARMANDO- Saiu ? Onde foi ela ?
- PRUDÊNCIA- Sr. Armando..tenho más notícias e dar-lhe... Não sei como deva começar.
- ARMANDO- Más notícias, diz e bra. ? Fale, por favor.

COSTUME E VEM AO ENCONTRO DE PRUDÊNCIA)-

PRUDÊNCIA-

Ela partiu e deixou-me uma carta.

ARMANDO-

Partiu ? Mas, partiu para onde ? Não, não pode ser. A sra. está brincando comigo.

PRUDÊNCIA-

Infelizmente, digo-lhe a verdade, meu amigo,

ARMANDO-

Mas partiu assim sem se despedir, sem justificar a sua atitude ? Não, não pode ser, não me convence.

PRUDÊNCIA-

Deixou-lhe esta carta. (DA -LHE A CARTA)- É tudo !

ARMANDO-

(ABRINDO SOFREGAMENTE A CARTA-LENDO-A E LEVANDO A MÃO À CABEÇA TRAGICAMENTE)- Que horror, meu Deus ! Que desgraça ! Margarida abandonou-me e para sempre ! (DEIXA CAIR OS BRAÇOS, TENDO A CARTA AINDA NUMA DAS MÃOS)- Tôlo que fui em acreditar nas juras de amor de uma mulher daquela espécie. Oh, meu Deus ! Que castigo cruel tu me impuzeste ! (SOBRE O ROSTO COM AS MÃOS E VEM SENTAR NA CADEIRA AO LADO À QUE ESTÁ A SUA CARTOLA. PRUDÊNCIA ENXUGA AS LAGRIMAS E VEM SENTAR-SE NA Cadeira AO LADO, AMASSANDO-LHE A CARTOLA SEM SE APERCEBER)-

PRUDÊNCIA-

Não chore, meu amigo. Tenha coragem. Volte para casa de saípa, que o seu amor e o carinho de sua irmã hão de suavisar o sofrimento que neste momento o aflige.

ARMANDO-

Nunca mais hei de esquecê-la ! Nunca mais... Oh, Margarida, Margarida ! Por que me abandonaste ?!

PRUDÊNCIA-

Como me dóe o coração em vê-lo tão aflito, sr. Divaly (CHORANDO)- Aceite o meu conselho. Va viajar, procure distrair-se o mundo é grande e há tantos corações em busca de amor. É possível que ainda encontre algum. (COBRE OS OLHOS COM O LENÇO E CHORA)-

ARMANDO-

Vou viajar, sim. Pode ser que a distância me permita esquecer essa ingrata e perjura Margarida, mas nunca mais. Nunca mais quero saber de amor. Adeus, Prudência, agradeço-lhe tudo que fez por mim. (ELA ESTENDE-LHE UMA DAS MÃOS E COM OS OLHOS PROCURA A CARTOLA)- O meu chapéu ? Onde deixei-o ? ELA SEM RETIRAR O LENÇO DOS OLHOS TIRA COM UMA DAS MÃOS E CARTOLA DEBAIXO DE SI E ESTENDE A A ARMANDO SEM OLHAR PARA ELE. ELE SEGURAA E SAI INDIRETAMENTE. HÁ UMA PAUSA. PRUDÊNCIA LEVANTA-SE E CHAMA)-

PRUDÊNCIA-

Margarida, pode vir.

ALICE-

(BOTANDO SO A CABEÇA PARA : DENTRO DA CENA E REVISANDO TUDO COM OS OLHOS)- Ele já se foi ?

- mento,
- ALICE- (TRAGICA)- Oh, meu pobre Almando !
- PRUDÊNCIA- Aconselhei-o a viajar a distrair-se. Coitado, ficou tão abalado.
- ALICE- E eu ? O que vai ser de mim agora ? Vão senti um frio danado pra drumi.
- PRUDÊNCIA- Iremos viajar também.
- ALICE- Mais cum que rôpa ?...
- PRUDÊNCIA- O Duque sabendo que o abandonaste há de voltar e proteger-te. Pagaras tuas dívidas e iremos fazer uma longa viagem...
- ALICE- Então, vai d'uma vez falá cum ele. Eu só é do retolado, Prudência.
- PRUDÊNCIA- Vou, sim. (AFUMA O CHAPEU AO ESPELHO E EM SEGUIDA SAI. NÃO DEMORA NAIITO. ESPERE-ME AQUI. (ETELVINA, SENTA-SE E COMEÇA A PENSAR TORCENDO O LENÇO A PETANDO O NERVOSISMO- BENEDITO ENTRA)-
- CLAUDIO- (ENTRANDO)- Dona Margarida. (ELA NÃO ATENDE E SEGUE TORCENDO O LENÇO)- Dona Margarida, o que é que a sra. tem que tá tão nervosa ? Tá cum fome ?
- ALICE- (COMO QUE DESPETANDO)- Oh, és tu, Nanines ?
- CLAUDIO- Pois só eu, a sinhôra não tá vendo ?-O que é que a sinhôra tem, ainda que me pergunta ?
- ALICE- Nem queira sabê, Nanines, que desgraça, meu Deus.
- CLAUDIO- Mais e que foi ? A Sinhôra conta que eu tô sta afrita.
- ALICE- (DRAMATICA)- Nanines ! (PAUSA)- Tudo cabado. (PAUSA)- Tudo cabado ! (PAUSA)- Oh, sim... tudo cabado ! (COMEÇA A CHORAR E VAI AO FUNDO OLHA PARA ONDE SAI PRUDÊNCIA, BOTA AS DUAS MÃOS NA CABEÇA, SACODE-A DESESPERADA. CAEM-LHE OS CACHOS DE UM DOS LADOS E ELA RAPIDAMENTE BALXA-SE, SEGURA-OS E DISFARÇADAMENTE, COLOCA-OS NO ESPELHO, BOTA DEPOIS AS DUAS MÃOS SOBRE O ROSTO. BENEDITO OBSERVA-A, CONTRISTADO E COM A PONTA DO AVENTAL, ENXUGA OS OLHOS. MARGARIDA VEM DESCENDO PARA A BÔCA DE CENA COM O ROSTO TAPADO, TROPEÇA E CAI SOBRE UM DOS JOELHOS. LEVANTA-SE FURIOSA, DA COM O PÉ NO LUGAR, ONDE TROPEÇOU, ESPREGA O JOELHO E VEM RANGUENADO ATÉ A CADEIRA ONDE SE SENTA E FICA CHORANDO)-
- CLAUDIO- (VINDO)- A vida tem dessas coisa, dona Margarida, a sinhôra se aconsola. Eu vo leva a

calça.

ALICE-

(TRAGICA)-

E feiz bem, Nanines ?

CLAUDIO-

Faiz , sim, dona Margarida. Vã levã a si-
nhora no seu Manduca. Ele lhe dá o banco
de descalça e lhe passa a espada de S. Jor-
ge.

ALICE-

E será que ele vorta, Nanines ?

CLAUDIO-

Imagino como ele vai andã d'atrás da
sinhora.

ALICE-

Atrás, Nanines ?

CLAUDIO-

Sim, quã d'azã...lhe percorrando.

ALICE-

Oh ! (TRAGICA)- Nunca mais ! (COMEÇA A
CHORAR ESCANDALOSAMENTE-BENEDITO COMEÇA A
ENXUGAR OS OLHOS COM O AVENTAL E DE REPENTE
ESQUENTA-SE E FALA ZANGADO)-

CLAUDIO-

Tã bãõ, Terkina, para cum isso, tu daqui
a pouco vai me fazer-eu chora de verdade. Nos
ensate nunca feiz isso, que bobage e essa
agora ? Isso não e do programa.

FIM DO 2º ATO

A DAMA DAS CAMÉLIAS

3º ATO

AO LEVANTAR O PANO A CENA ESTÁ NA PENUNBRA, ACESSA, APENAS A LUZ DA RIBALTA. MARGARIDA, DEITADA NO DIVAN, ESTÁ COMPLETAMENTE COBERTA POR UMA COLCHA DE ALGODÃO, TENDO OS PÉS DESTAPADOS, PARA FORA DO DIVAN, SÓ DE MEIAS. ESTÁ RONCANDO FORTEMENTE. NANINE, SENTADA NUMA CADEIRA AO LADO DO DIVAN, COCHILA TONTA DE SONO, CAMBALEANDO E DESPERTANDO CADA VÊZ QUE OS RONCOS RECRDESCEM, MARGARIDA, DE QUANDO EM VÊZ, COÇA OS PÉS UM COM O OUTRO. PASSAM-SE ALGUNS MOMENTOS ASSIM, E, POR FIM, A LUZ, SE ACENDE COM PEQUENO INTERVALO UMA DA OUTRA - (TÓDAS AS LUZES) - AMANHECEU. MARGARIDA BÁ UM RONCO MAIS FORTE, NANINE ASSUSTA-ASE E DESPERTA. BOCEJA, ESPREGUIÇA-SE, LEVANTA-SE, ESFREGA-SE, NA CADEIRA PASSA AS MÃOS.

- CLAUDIO- Ué, já amanheceu ! (LEVANTA-SE ESPREGUIÇANDO-SE NOVAMENTE) - Credo ! que noite de cachorro.. Amanhã, tu não vo drum! assentada, não. Trago o meu corchaõ e boto aqui. (PEGÁ A CADEIRA E COLOCA NO LUGAR) -
- C/REGRA CAMPAINHA DE RUA
- CLAUDIO- Misericórdia ! Mal a gentes se alivanta já tão batendo nessa-polta. Oia que isso e uma campanha, cruz ! (VAI ATENDER E VOLTA EM SEGUIDA COM PRUDÊNCIA) -
- PRUDÊNCIA- Como ela passou a noite ?
- CLAUDIO- Dizê veldade num sei proque drum! quasi toda a noute, mais-acho que ela tombem drumiu porque vorta e meia, eu me acoldava com os ronco dela. Acho 'nté que era o caboclo Roncado que tava peltó dela.
- PRUDÊNCIA- O dr. disse que ontem que ela teria poucas horas de vida. Aproxima-se o fim dada vez mais,..
- CLAUDIO- Coitada da dona Margarida. Não dimóra, ela da c'a cola na calca.
- PRUDÊNCIA- Pobre amiga. Tão jovem, tão bela... Mas-o que fazer ? Deus assim o quer, seja feita a sua vontade. Fico-desesperada cada vez que penso em perder minha amiga.
- CLAUDIO- E eu a minha patrona. Com essa crízia de emprêgo, adonde e que su vo trapaia ? Vo fica no desvio. Vô inte que virá picareta.

- PRUDÊNCIA- Há de se dar um jeito, Nanine. Tu és boa, - não há de faltar quem-te queira a seu serviço. Hei de falar com minhas amigas e alguma das, ficara contigo.
- CLAUDIO- Mais óia aqui, dona Imprudência, casa que me pague. Patrona-que-fique devendo, eu não quero sabe mais. Óia : (CONTANDO NOS DEDOS)- Junho, Julho, Agosto, Setembro. Quatro me's, já pra 5. Agora, ela morre, aí mermo que eu não arrecebo. E eu pereiso arrecebê d'um jeito eu d'outro. Na pindura é c que eu não posso fieá. Eu sô donzela, quero me casa de veu e grinarda.
- PRUDÊNCIA- Está bem, Nanine. Não te preocupes que eu te arranjarei uma boa casa.
- CLAUDIO- Casa que não tenha rapaiz ! Eu sô moça. Não sô fulera.
- PRUDÊNCIA- Deixa-me contemplar o seu semblante. (APROXIMA-SE DO DIVAN E DESTAPA COM CUIDADO A CABEÇA DE MARGARIDA. ESTÁ COM DUAS RODAS DE ROUGE ACENTUADÍSSIMAS (MARGARIDA)- Já se percebe a palidez da morte. (MARGARIDA COMEÇA A DESPETAR. BOCEJA, E A SEGUIR COÇA A CABEÇA FURIOSAMENTE. BENEDITO OLHA DE PERTO QUALQUER COISA QUE AVISTOU SOBRE O TRAVESSEIRO SEGURO, SOLTA AO CHÃO, E PISA EM SIMA. OUVES-SE O ESTRALO DE UMA ESPOLETA.
- CLAUDIO- Coitada ! Pur isso é que ela se arremexeu tanto durante toda a noute. (MARGARIDA ESGREGA OS OLHOS E BOCEJA)- Eu pensei que ela tava com salna.
- PRUDÊNCIA- (CURVANDO-SE SOBRE ELA E CHAMANDO-A SUAVEMENTE)- Margarida !
- ALICE- -(FAZENDO VOZ DE MORIBUNDA)- Quem é ?...
- PRUDÊNCIA- Eu, Margarida. Prudência.
- ALICE- Onde tá tu ?
- PRUDÊNCIA- Aqui, pertinho de ti. Não me mész ?
- ALICE- Não enxergo mais. Tô miópe. (PRUDÊNCIA SACODE A CABEÇA E ENXUGA UMA LAGRIMA)-
- CLAUDIO- A sra. qué que lhe traga e cafés, dona Margarida ?- Café-com pão cacete. O cacete tá veio, mas moitando ele no café, ele amolece, e dá pra come.
- ALICE- Oh, - não, Nanines, não quero nada. Não tenho fome's. (PRUDÊNCIA AFASTA-SE PARA VIR CHOVAR NO OUTRO CANTO- BENEDITO BAIXA-SE PERTO DO DIVAN, LEVANTA A COLCHA E PUXA A ESCARADEIRA DE LOUÇA, LEVANDO-A LÁ PARA DENTRO. LOGO QUE ELE SE AFASTA, OUVES-SE UM TROPEÇAO E A SEGUIR UMA OÍSA DE LOUÇA QUE SE QUEIRA.

VEDO

EVELVINA SALTA DA CAMA RAPIDAMENTE, MESMO SEM SAPATOS, VEM DEPRESSA AO FUNDO E GRITA PARA DENTRO.)- O que é isso ? O que é que vocês quebraram aí dentro ? Guidado c'a loja da dona Cremençiana, que a coitada empresto tão boamente.

- CLAUDIO- (DE DENTRO)- Num foi nada, não, Fervina. G - Fui eu que trupiquei nos meus pés, e deixei cair a escarradeira e ela se quebrou-se.
- ALICE- Ora, que lasti. A peça da minha escarradeira. Bem, que eu não queria trazê-la. Mais deixa este negrião, que agora, quando termina o espetáculo, tá vai me pagar. (VOLTANDO AO DIVAN)- Arre ! Que nem morre direito a gente pôde. (DEITA-SE DE NOVO E TAPA-SE COM A COLCHA, TOMANDO A ASPECTO DE QUEM VAI SUCUMBIR.)- Ai, meu Deus, que Tortura ! Morrê sem vê ele.-(FECHA OS OLHOS)- - Tô vendo que v o morre virge e São Pedro vai me manda pro inferno.
- PRUDÊNCIA- (APROXIMANDO-SE DO DIVAN)- Desejas mais alguma coisa, Margarida ?
- ALICE- A molte, Prudência. Só a molte pôde aliviá o meu soplicio.
- PRUDÊNCIA- Não fales assim, que me entristeces. Tu ainda ficaras boa, e hás de ser muito feliz.
- ALICE- Sê Bêsta ! Tu pensa que me engana, pensa que eu vô no balaes ? (PEQUENA PAUSA-ELA LEVANTA-A CABEÇA PARA-O PONTO E FALA, ZANGADA)- Eu sei, mas eu quiz dizê e tá scabado.
- PRUDÊNCIA- Hás de ficar boa, sim. Iremos para o campo e te restabaloceras.
- ALICE- Ó, já não tenho ilosões, Prudência. A molte me espera e me chama.
- PRUDÊNCIA- Não fales-mais que te fatigas. Vê se consegues dormir um pouco que o sono há de te fazer bem. (COBRE-A MELHOR-EVELVINA FICA QUIETA, DE OLHOS FECHADOS E A CAMPAINHA TOCA BENEDITO ATRAVESSA A CENA PARA IR ATENDER.
- C/REGRA ASSINALA CAMPAINHA
- CLAUDIO- Puxa que essa casa é uma verdadeira arrândega. Deis de minha cedo, chegando gentes. (SAI)- Parava !
- PRUDÊNCIA- (REPARANDO EM MARGARIDA)- Parece que dormiu outra vez. Já prece o sono da morte. (ENTRA BENEDITO ACOMPANHADO DE GASTÃO, APROXIMA-SE APERTA A MÃO DE PRUDÊNCIA E COLOCA A SUA CARTOLA NA CADEIRA FATIDICA.
- GASTÃO- (CONFIDENCIAL EM PÉ AO MEIO DA CENA COM PRUDÊNCIA-

Então, como vai a nossa destituida amiga ?

PRUDÊNCIA- Mal, - muito mal. O médico desenganou-a ontem a noite.

GASTÃO- Se ao menos tivéssemos como avisar Armando...

PRUDÊNCIA- Não se sabe onde ele está. Depois da cena que houve entre eles em casa de Olimpia, ele partiu com destino ignorado.

GASTÃO- Cena na casa de Olimpia, diz você ? Mas, o que houve, afinal ?

PRUDÊNCIA- Como ? Você não sabe ? Mas toda a cidade comentou. Sente-se, vou lhe contar. GASTÃO SENTA-SE NA CADEIRA AO LADO DA QUE ESTÁ SUA CARTOLA. PRUDÊNCIA VAI SENTAR-SE EM CIMA DA CARTOLA, MAS ELE, TIRA-A EM TEMPO, FICANDO COM ELA NO COLO. Imagine você, que Armando encontrou-se com ela alguns meses depois do rompimento, numa festa em casa de Olimpia. Não contente de cortejar Olimpia na sua frente, ainda atirou-lhe ao rosto todo o dinheiro que havia ganhado na mesa de jogo, dizendo que era para pagar-lhe o pouco de felicidade que ela havia dado a ele nos meses que viveram juntos. Margarida teve uma síncope que quase lhe custou a vida, naquela noite. Ele saiu desatinado e nunca mais o avistei. Disseram-me depois, que havia partido para uma longa viagem...

GASTÃO- Que bruto ! Naturalmente, está alucinado de ciúmes !

PRUDÊNCIA- De qualquer forma não deveria ter feito o que fez. Margarida também estava roída de ciúmes de Olimpia - porque ela o amava muito, e, no entanto, mantinha uma linha-impecável. Ele a perdeu totalmente ao primeiro contado com ela.

GASTÃO- Coisas do amor, minha amiga ! Bem, a minha demora é pouca. Vim apenas saber notícias da nossa desventurada Margarida. (LEVANTANDO-SE E APERTANDO A MÃO DE PRUDÊNCIA) - Minha boa Prudência, adeus, e logo mais voltarei aqui novamente. Se necessitar de alguma coisa é só mandar procurar-me. Adeus.

PRUDÊNCIA- Obrigado, Gastão. Adeus, Nanine, acompanha o -sr. Gastão de Rieux até a porta. (GASTÃO SAI ACOMPANHADO DO BENEDITO) - Estou estranhando a demora do médico. Ele vem sempre tão cedo. Quem sabe por ter certeza da inutilidade dos seus esforços já não se apressa mais. (BENEDITO VOLTA E MAL CEHGA A CAMPAINHA TOCA)

C/REGRA ASSINALA CAMPAINHA DE PORTA

CLAUDIO- (FURIOSO) - Eu não tô dizendo. Essa porta é um inferno. Tombem outra vez que se arrependa

Eu quero sê outra coisa no dramas. (OLHANDO PARA O PONTO E MALCRIADO)- Já vo. (SAI OLHANDO PARA O PONTO COM RAIVA E RESMUNGANDO)-

PRUDÊNCIA- Deve ser o médico agora. (PAUSA-ENTRA O DUQUE ACOMPANHADO DE BENEDITO)- Oh, sr. Duque, como está ? (TIRA-LHE A CARTOLA E BOTA NA CADEIRA)-

DUQUE- Preocupadíssimo com a nossa doente. Como está ela ?

PRUDÊNCIA- Infelizmente, muito mal !

DUQUE- Que desgraça, meu Deus. (LEVANTADO-OS BRAÇOS PARA O CEU)- Tanto que eu tenho rezado. (VEM OLHAR MARGARIDA E DEPOIS DE FITA-LA ALGUNS INSTANTES LEVA O LENÇO, AOS OLHOS, ENXUGANDO-OS) Até no leito da morte é parecida com minha filha.

PRUDÊNCIA- E foi essa pareença que ligou o seu destino ao destino da minha infeliz amiga.

DUQUE- Pobre Margarida, Pobre criança !

CLAUDIO- O sinhór não qué se assentá, seu Duques ?

DUQUE- Quero, sim. As minhas pernas já começam a vergar ao peso dos anos.

CLAUDIO- A gente vê mermo que o sinhór tão borocochê, assim comendo bastante creme de bacate, o sinhór melhora. (T)- Ai tem cadera. Ô, não façais cerimonia, Duques.

DUQUE- Quero sentar-me aqui, Perto dela. Enquanto me for possível, hei de contemplar-lhe o formoso semblante.

PRUDÊNCIA- Traga uma cadeira dali para o senhor Duque, Nanine, (NANINE TRAZ A CADEIRA O DUQUE SENTAO)-

DUQUE- Não lhe deram ainda alimento algum ?

PRUDÊNCIA- Ela não quis senhor Duque. Tem um fastio de morte. Nem mesmo as maçãs e as uvas que o sr. mandou ontem, ela as quis comer.

CLAUDIO- Nós é que comemos. Não sebrô janta..comero feito uns animar no meio-dia.

DUQUE- Minha filha foi assim. Tal qual ! Foi a sra. que aqui esteve durante a noite ?

PRUDÊNCIA- Não, sr Duque, esta noite, passou-a, Nanine.

DUQUE- Nanine é uma boa criatura. (VIRANDO-SE PARA ELA) Hei de recompensar-te pela tua fidelidade. O que é teu esta guarado. (BENEDITO FICA TODO SATISFEITO ARREGA OS OLHOS E COBIÇA E VEM SACUDINDO E VEM SACUDINDO O CERPO E OS BRAÇOS COLOCAR-SE DIANTE DA CADEIRA ONDE ESTÁ CARTOLA DE DUQUE)-

- PRUDÊNCIA- Ela bem merece uma recompensa pela sua dedicação.
- DUQUE- Ela a terá, esteja certa .
- CLAUDIO- Cuidado, seu Duques, que sô moça direita. (CLAUDIO BATE AS MÃOS DE CONTENTE-DA DOIS OU TRÊS PULINHOS NA FRENTI DA CADEIRA E SENTTA-SE EM CIMA DA CARTOLA.AMASSANDO-A.SENTE-A E LEVANTA-SE RAPIDAMENTE COLOCANDO-SE DE COSTAS PARA O DUQUE AGEITANDO, E ESCONDENDO-A DO SEU DONO COM SEU PROPRIO-CORPO.MARGARIDA DA UM GEMIDO)- O que tens , minha querida ? (OUTRO GEMIDO)- Ela deve estar sentindo-alguma coisa.Pergunte-lhe o que e , Prudência.
- PRUDÊNCIA- Eu já não tenho mais coragem de ver o seu sofrimento.(POE A MAÕ NO ROSTO E AFASTA-SE PARA PERTO DA CADEIRA ONDE EST. CARTOLA-MARGARIDA DA DOIS GEMIDOS SEGUIDOS)-
- DUQUE- O que tens, minha filha, fala. Faz um esforço e diz.
- CLAUDIO- Não convém ela fazê fôlça, seu Duque.
- PRUDÊNCIA- (MAIS UM GEMIDO-DUQUE VIRANDO-A PARA PRUDÊNCIA)- Esta muito mal ! (PRUDÊNCIA BOTA-AS DUAS MÃOS NO ROSTO, ASSUSTADA)- Ela vai morrer. (PRUDÊNCIA CAI SENTADA NA CARTOLA, AMASSANDO-A, MAS SENTE LOGO, LEVANTA-SE E TEM O MESMO GESTO DE NANINE.COMEÇA A ENDIREITAR A CARTOLA.O DUQUE VEM A ELA.-Vou procurar o médico. Parece-me que terá muito poucos momentos de vida.
- PRUDÊNCIA- (VIRANDO-SE E ENTRAGANDO-LHE A CARTOLA)- Então, va, meu amigo, va, e não demore muito. Talvez não volte a tempo de encontra-la com vida.(O DUQUE VAI SAIR , MAS BÊNEDITO PEGA-O PELO BRAÇO , LEVA-O PARA UM CANTO DA CENA E DIZ-LHE UM SEGREDO AO OUVIDO)-
- DUQUE- Quanto ?
- CLAUDIO (CONTANDO NOS DEDOS)-Junho, Julio, Agosto, Setembro.(MOSTRANDO COM OS DEDOS QUE SÃO QUATRO)-
- DUQUE- Espere lá. (METE A MAÕ NO BÔLSO, TIRA DINHEIRO-COMEÇA A MEXER)- O DUQUE DEIXA CAIR UMA NOTA E BÊNEDITO TRATA DE BOTAR O PE EM CIMA-RECÊBEE A NOTA TODO SORRIDENTE)-
- CLAUDIO- Muito obrigadinho , seu Duques.(DUQUE VAI SAINDO)-
- PRUDÊNCIA- Acompanhe o sr. Duque até a porta, Nanine .
- CLAUDIO- Cumpre a senhora, dona Imprudência, óia... eu não sei se fei um mau gesto que eu dei-nos se pe, ou se fei uma cambria que eu ganhei.

- PRUDÊNCIA- Cuide de Margarida então. (BENEDITO SAI PARA ACCOMPANHAR O DUQUE. NO QUE ELE DESAPARECEU, BENEDITO ABAIXA-SE, PEGA O DINHEIRO E ESCONDE-O NO SEIO. VEM PARA PERTO DE MARGARIDA. ENTRA NOVAMENTE PRUDÊNCIA)-
- CLAUDIO- O seu Duques pagô os meus mêis, dona Imprudencia. (MOSTRA A NOTA)-
- PRUDÊNCIA- Você pdiu-lhe-dinheiro, Nanine ? Fêz mal. O Duque tem sido tão bom para Margarida, tem gasto tanto com ela.
- CLAUDIO- Pois é, -mas eu tava precisando o que é - que eu ia fazer ? Tive-que pedir. Ôia aqui, dona-Imprudência, a sinhora vai ficar butando sintindo na dona Margarida, eu vô lá dentro fazer-o café pra-toma que deis que eu me alivantêi, que eu ainda tô de jejum.
- PRUDÊNCIA- Mas não demora muito, Nanine. Tenho receio de ficar só com ela aqui.
- CLAUDIO- É só um-mucado. Eu não tive tempo de fazer outra coisa sinão atnde essa maldita dessa polta. (SAI-PRUDÊNCIA VEM PARA PERTO DE MARGARIDA QUE SE REMEXE NO DIVAN-DANDO UNS GEMIDOS-MUITO ESCANDALOSOS)- O que-tens, minha querida ? É que estás sintindo ?
- ALICE- Almando ! Quero o Almando.. Tô com saudade dele !...
- PRUDÊNCIA- Coitada. Até nos últimos momentos de sua agonía o seu pensamento esta junto de Armando.
- ALICE- Ôh, onde estás , Almando ? Por que não viens ?
- PRUDÊNCIA- Ele vem agora, minha querida. Acalma-te !
- ALICE- Almando ! Quero o Almando ! Despressa, meu querido, Almando, despressa antes que ela venha...
- PRUDÊNCIA- Ela é a morte , com certeza.
- ALICE- Foi mentira, tudo-mentira, Almando-! Foi calumínias que alivantaro contra mim. A verdade é que te amei sempre, meu adorado Almando !...
- PRUDÊNCIA- Pobre e infeliz amiga. Como deve ser triste morrer assim, longe do ente que queremos.
- ALICE- (SENTANDO-SE NA CAMA COMO DELIRANDO)- Não, Almando, não... Não te-vas embora ! Tu bem sabe que e-tu é a minha vida, e se-tu fo simhora, intão eu não quero mais-vivê. Fica, Almando, fica, eu te suplico, desgraçado. Agarra ele, agarra ! Não deza ele ! simhora que ele

vai e depois não volta; (GRITANDO)- Almando!
 (GRITANDO MAIS)- Almando! (MAIS E MAIS)-
 Pega ele! Sigura ele! Não dexa ele ir.
 (EBENDITO ENTRA CORRENDO)=

CLAUDIO- (ASSUSTADO)- Misericórdia! O que foi, dona Imprudência?

PRUDÊNCIA- É-o delírio da morte. É o fim que se aproxima a passos gigantes. Oh, vida ingrata Oh, sorte triste e cruel da desventurada Margarida Gotie.

ALICE- Almando..por que não pegaro ele? Proque não dissero que tudo era fofoca, que tudo era candonga? Dexaro ele o simhora. Voceis, sao uns mardito, uns marvado! (CHORANDO)- Almando! Meu Almando!

CLAUDIO- Se acarme, dona Margarida, se acarme. Ele não-tava aí que bobage e essa de "dextaro ele o simhora"?

ALICE- Eu quero o meu Almando! Quero que ele venha ante que ela chegue. E ela ja tao se aproximando!

CLAUDIO- ELA, quem, dona Imprudência?

PRUDÊNCIA- (NO OUVIDO DÊLE)- A MORTE, é que ela está dizendo.

CLAUDIO- (BENZENDO-SE)- Credo, in cruz + Tiscunuro tres veis. Sarava, emu pai. Vai pra longe iscunungada. (ALICE EOMÇA A DARUNS GRITOS ENGASGADOS E A FINGIR ESTERTORES. Credo misericórdia! Ela parece que ta se engasgando! Parece que ta cum gogo. Per ai, e capaz de ta mermo. (ESPIA NA CARA-DELA)- Sigura as maos dela, que eu ja sei o que é, dona Imprudencia. (PRUDÊNCIA SEGURA AS MAOS DE ETELVINA. BENEDIT PASSA PARA TRAS DO DIVAN PASSA-LHE O BRAÇO SÔBRE O COSTO COMO QUEM DA UMA GRAVATA, ETELVINA ABRE MUITO A BÔCA COMO QUEM ESTÁ SE SUFOCANDO, E BENEDITO FINGE METER-LHE A MÃO NA BÔCA E TIRA A DENTADURA. MOSTRA A PRUDÊNCIA E DIZ)- Era isse que tava ingasgando ela, a-dentadura. Imagina se-ela chega a +ngulir essa troço, que trabalho ia da pra sai. (COLOCA A DENTADURA EM CIMA DA MESA E LIMPA A MÃO NA SAIA, NÃO CHEGANDO A COMPENTAR O TRABALHO QUANDO ENTRA O DUQUE ACOMPANHADO DO DR. BENEDITO MUIRO APRESENTANDO ESTENDE A MÃO AOS DOIS QUE EMBORA EXTRANHONDO O GESTO, APERTAM-LHE A MÃO- Batalde, seu Duques! Batalde, dotô.

PRUDÊNCIA- Ah, doutor que bom que chegou. (ETELVINA LOGO QUE LHE TIRARAM A DENTADURA FICA QUEITA, FEM FECHADA A BÔCA E FRANZIDA, MAS IMOVEL. O DR. E O DUQUE COLOCAM AS DUAS CARTOLAS. O DR. NA

- CADEIRA AO LADO DA QUE COSTUMAM AMASSAR OS CHAPEUS, E O DUQUE NA CADEIRA FATIDICA. VOLTAM-SE PARA IR ATENDER MARGARIDA, MAS, NO MOMENTO DE VIRAR-SE O DUQUE LEMBRA-SE DOS FATOS ANTERIORES E TROCA A SUA CARTOLA PARA A CADEIRA ONDE ESTÁ A DO DR. E CIE-VERSA. PAROXIMA-SE DE MARGARIDA E O DR. TOMA-LHE P PULSO QUE PENDE PARA FORA DO DIVAN)-
- DUQUE- (AFLITO)- Como está ela, meu caro, dr. Diga, diga !
- PRUDÊNCIA- Muito mal, não é verdade, dr.?
- DR. É fato.
- DUQUE- (PONDO-LHE AS MÃOS E AJOELHANDO-SE)- Concele-se, meu bom amigo. Infelizmente, o saber humano é impotente ante a vontade do Supremo Senhor de todas as coisas.
- DR. (SOLTANDO O PULSO DE MARGARIDA PARA FAZER UM GESTO COM A MESMA MÃO)- É exato ! (CAMINHA ATÉ A MESA TIRA UM BLOCO DE PAPEL DO BÓLSO E UMA CANETA E COMEÇA A ESCREVER MESMO DE PE)-
- PRUDÊNCIA- Vai receitar uma poçãozinha, dr ? (ELE FAZ UM GESTO NEGATIVO COM A CABEÇA)- que é isto, então ?
- DR. O atestado de óbito !
- PRUDÊNCIA- O que ? Ela já morreu ?
- DR. Ainda, não, mas está quase. Já se adianta o serviço. Eu sou muito prático. (PRUDÊNCIA BOTA O LENÇO NOS OLHOS E VEM PARA PERTO DA CADEIRA ONDE ESTÁ A CARTOLA, CHORANDO MUITO. BENEDITO APROXIMA-SE DELA E COMEÇA A CONSOLA-LA, MAS CHORANDO TAMBÉM. MARGARIDA TEM UNS ESTERTORES, E D'UNS GRITINHOS.
- DUQUE- Dr. Dr. depressa. (O DR; SE APROXIMA DELA, E TOMA-LHE O PULSO, SOLTANDO-SE ABANADO A CABEÇA. PRUDÊNCIA E BENEDITO, DEIXAM-SE CAIR CHORANDO NAS CADEIRAS QUE ESTÃO COM AS CARTOLAS, AMASSANDO-AS.) Meu Deus ! (O PANO COMEÇA A FECHAR E TODOS AFLITOS FAZEM SINAIS QUE NÃO FECHER, QUANDO ELA SE SENTA, FURIOSA NO DIVAN E GRITA FURIOSA)- Ora aí, seu Ostraquio, eu ainda não murrei. Que coisa que me dexa felnetica. (PANO ABRE-SE NOVAMENTE)-
- PRUDÊNCIA- Estragam tudo ! Não se pode fazer uma coisa direita. (VOLTAM TODOS A SITUAÇÃO ANTERIOR)-
- DUQUE- (OLHANDO PARA O PONTO E FAZENDO SINAIS AFIRMATIVOS VOM A CABEÇA)- Diga-me, dr. Ela já morreu, já ?...
- DR. Ainda não, mas está quase. (ALICE DÁ NOVOS GRITINHOS E NOVOS ESTERTORES. TODOS SE APROXIMAM ALIFOT S FAZEM UM CIRCULO A UMA CERTA DISTÂNCIA DO DIVAN. O DR. TOMA-LHE O PULSO

MAIS UMA VÉZ, CRUZANDO-LHE OS BRAÇOS E PUXA A COLCHA PARA O ROSTO, DESCOBRINDO-LHE OS PÉS. PRUDÊNCIA E BENEDITO AJOELHAM-SE LEVANDO O LENÇO AOS OLHOS E CHORANDO MUITO. O DUQUE COLO-CA-SE POR TRÁS DAS DUAS, DE PÉ E PISANDO EM DIMA DA SAIA DE BENEDITO. TEM TAMBÉM O LENÇO NOS OLHOS.

ARMANDO-

(VINDO DE DENTRO GRITANDO)--Margarida !...Margarida ! Minha querida Margarida. Não me abandone ! (JOGA-SE SOBRE ELA E COMEÇA CHORAR. AO ENTRA ARMANDO, PRUDÊNCIA E BENEDITO LEVANTAM-SE RAPIDAMENTE E BENEDITO FICA SEM CALÇAS, SEM SE APERCEBER, DÁ DOIS PASSOS PARA A FRENTE E AO VERIFICAR O ESTADO EM QUE SE ENCONTRA, FAZ DESESPERADAMENTE SINAIS PARA QUE SE FECHÉ O PANO ACABANDO POR CRUZAR OS BRAÇOS SOBRE AS PERNAS E CURVANDO-SE COMO UM GESTO DE DECORO.

CORRE O PANO RÁPIDO

FIM